Pe. JOÃO PENHA



25 anos depois

MACAU 1983



- Almei -
José Fonseca -
do Amigo, aqui está
uma lembrança de
época de Macau.
24/3/84

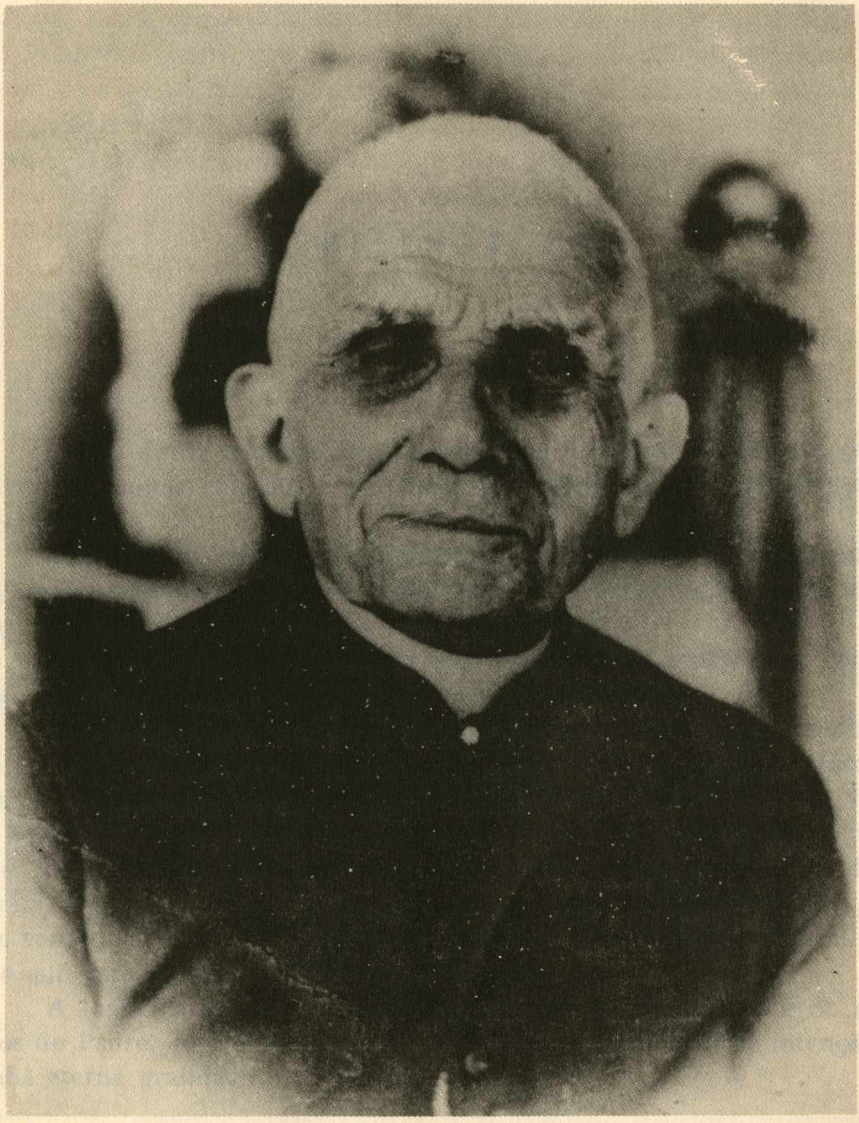


Foto de Monsenhor Honório

APRESENTAÇÃO

Depois de 25 anos de lutas, resolvemos fazer um retrospecto para revivermos muitas emoções e sentirmos a presença de muitas amizades sinceras.

Queremos reviver aqueles momentos felizes de uma vida sacerdotal totalmente voltada para o povo, compensada pela sinceridade de uma amizade sadiamente vivida.

Alegrias, vitórias, decepções, tudo alegremente sentido em comunhão com o entusiasmo sadio de uma juventude idealista.

São nomes que jamais se apagarão de minha memória: Carlinhos, Caxias, Salete Coutinho, Neuma, Lígia Sá, Dita, Daurita, Ivanaldo, Mércia, Milton, Vilma Pinheiro, Manolo, Masinho, Arimatéa, Dineusa, Edward, Vilma Rejane, Zé Pinheiro, Juninho, Edinho Coutinho, Kidinho, Luizinha, Celeste, Regina, Edinho Dantas, Vera, Sila, Magale e tantos e tantos que formaram a primeira linha dos nossos colaboradores dentro do sentido de uma verdadeira amizade, e de uma fraternidade cristãmente realizada. 25 anos que para mim é vida, paraízo, felicidade.

A todos vocês que sempre continuam sendo as meninas e os meninos do Padre. Jovens idealistas de sorriso meigo e pureza de intenções, minha eterna gratidão.

1956

Cheguei a Macau. Eram 17:30 precisamente. Cheguei à casa paroquial, depois de 8 horas de viagem no mixto de Zé Lucas.

Uma estrada, que de estrada só tinha o nome. Geraldo Teixeira, como enviado de Alfredo Teixeira, era a única pessoa que vinha me dar boas vindas. Dourado, havia telegrafado ao seu sogro, isto por causa da ligação de comércio que tinha com meu irmão.

Alfredo Teixeira iria ser, como de fato foi, o primeiro ponto de apoio dos meus primeiros dias em Macau.

Fui apresentado ao vigário Monsenhor Honório — Homem de Deus. Recebeu-me com muita alegria. Era um padre santo e pobre. Isto me alegrou bastante. Deu-me um crédito de confiança.

Começo a estudar o terreno. Tudo parece muito difícil. É bom começar pelas crianças. Neuma, Vilma, a professorinha, Vanusa, que de tão pequenina que era tinha que subir numa mesa para dar aulas a pessoas muito mais velhas do que ela.

Dona Maria de Lourdes, "Uda", para as crianças, logo se prontificou para assumir a cruzadinha.

Chegava o mês de maio. Dona Lourdes preparando Neuma, meiga e bondosa, com uma voz privilegiada para fazer a coroação.

"Permite que coroemos
Tua fronte já sagrada
E que depois proclamemos
Virgem Mãe
Imaculada".

Aquela voz argentina enchia toda a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, e arrancava lágrimas de emoção de velhos, jovens e crianças. Até

homens choravam de emoção.

Neuma era, realmente um anjo. De uma bondade e graça sem limites. Aprendi a querer bem a Neuma. Era a inocência em pessoa. Assim ela foi crescendo. Numa simplicidade e numa bondade para com todos. Sua voz era o encanto do orfeão do ginásio. Foi Akelá de lobinhos, secretária do Centro Social, sempre jovial e alegre, os meninos a apelidaram de "Larigaudie de Saia".

Não quero perder nunca a imagem dessa Neuma que conhecí. Ela me faz bem ao espírito.

O problema das crianças estava mais ou menos resolvido com a cruzadinha.

Mas havia o problema dos jovens. E resolvemos começar com o Escotismo.

Foi formada a primeira patrulha: Milton, Carlinhos, Aluízio, Carapeba, Chiquinho Fechadura, Jorge, Alberto Melo, Caxias. Esta seria a tropa de choque. Com eles iríamos iniciar o nosso trabalho.

O Grupo de Escoteiros tomou o nome de "Grupo Guy de Larigaudie", numa homenagem ao grande escoteiro cristão francês autor de "Etoile Au Grand Large".

"Larigaudie" era, realmente, um modelo que poderia ser apresentado à juventude. Cristão autêntico, espírito de aventura, jovem moderno oferecia à juventude uma espiritualidade diferente.

— "Quer descascando batatas, quer edificando catedrais, poderemos estar louvando a Deus".

— "As moças são a imagem de nossa mãe quando tinham a sua idade".

— "Meu Deus seja lá como for, o certo é que vos amo".

O grupo foi instalado oficialmente no dia 7 de setembro de 1956. Seu primeiro batismo foi um batismo de fôgo — Um incêndio no Arquivo da Prefeitura.

Convém relatar:

Estava sendo realizada uma sessão magna no salão nobre da Câmara Municipal, no primeiro andar do prédio da Prefeitura. Assoalho de madeira, escada de madeira. Salão totalmente cheio.

O incêndio começou em baixo, no arquivo. Descoberto o incêndio, os escoteiros trataram de evacuar o salão com a maior rapidez possível e sem alarma. Eles iam por em prática pela primeira vez, os ensinamentos recebidos. Quando desceu a última pessoa, eles numa rapidez incrível, arrombaram a porta principal da Prefeitura, mas sem abrir as janelas para evitar a formação de labaredas. Outros se movimentaram para transportar água do cacimbão da Casa Paroquial. Foi uma luta bonita.

O Prefeito José Macêdo foi grato aos escoteiros. Além de ter vindo com todo o seu secretariado para agradecer o que os escoteiros haviam feito, abriu um crédito para a compra de todo o material de campo para o grupo.

Mas este foi apenas o início de uma série de serviços prestados à comunidade pelos escoteiros de Macau.

A partir deles, a história de Macau se modifica, e toda a região vai sentir os seus efeitos.

O INCÊNDIO DA C. C. N.

Em 1966 mais uma vez os escoteiros foram convocados para trabalhar num grande incêndio. Desta feita nos almoxarifados da Companhia Comércio e Navegação. Vimos aí os maiores atos de bravura dos escoteiros no sentido de debelar o incêndio. E conseguiram. Quando os bombeiros chamados de Natal, chegaram, não existia mais incêndio. Os escoteiros, já o tinham eliminado. Foi de admirar aí, o trabalho de Luis Gonzaga, Manolo, Zé Antônio e Zé Pinheiro. O Grupo recebeu um ofício do gerente da empresa elogiando o trabalho dos meninos.

OS ESCOTEIROS E AS ENCHENTES DO RIO AÇÚ

Março de 1957. O Rio Açú com uma grande enchente. Famílias desabrigadas, procurando os lugares altos. O povo em desespero. Os escoteiros foram convocados e seguiram debaixo de toda a chuva para Pendências. O aterro do Espinheiro ameaçava partir. Era preciso evitar o corte do único meio de acesso de socorro para o Vale do Açú. A tarefa foi confiada aos escoteiros. Um ponto de apoio foi montado em Macau, no Centro Social Pio XI. Os alunos do Ginásio também colaboraram nisso. A amplificadora do Centro, cobrindo toda a cidade, com seis alto-falantes, alertava o povo de Macau para socorrerem seus irmãos. O grosso da tropa deslocou-se para o centro de operações, Pendências.

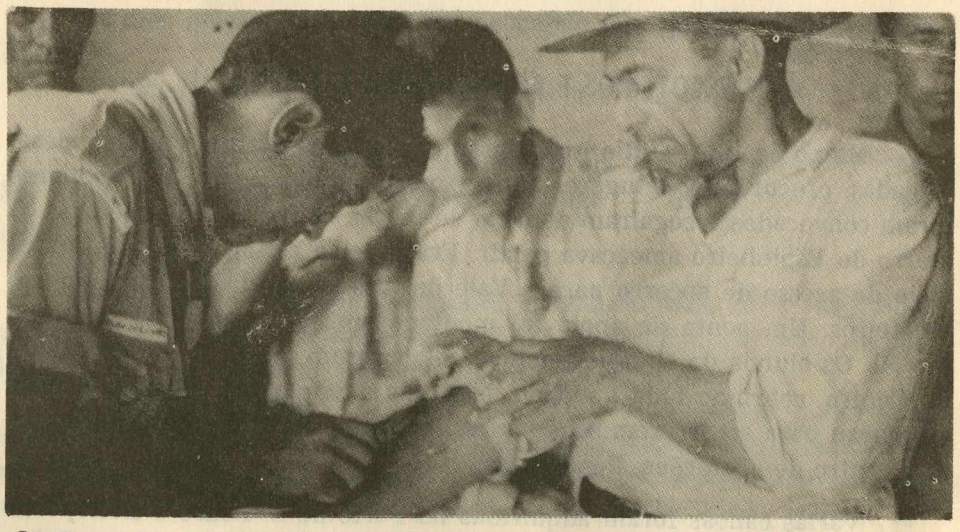
Várias canoas foram adquiridas no Porto de S. Pedro e transportadas para Pendências. Os escoteiros assumiram o controle da Operação Socorro. Aviões da FAB soltavam viveres e roupas, que os escoteiros recolhiam para socorrer o povo. Escoteiros, partem em canoas, com víveres

e vacinas para socorrer as populações ilhadas nos altos. Um escoteiro encontra uma velhinha em cima da mesa numa casa cheia de água e a socorre. Zé Alberto, hoje médico, escoteiro de apenas 12 anos, passa mais de três dias viajando em canoa pelo rio Açú, se alimentando de carne de charque crua e garapa de açúcar com água do rio, para levar víveres aos lugares mais distantes — Taboleiro Alto, Escadilha, Logradouro etc. Queimado pelo sol, roupa enlameada; mas feliz por que tinha ajudado o próximo é recebido pelos seus irmãos com alegria.

Já havia sido montado um serviço de comunicação. Dr. Clemente Galvão estava com o seu transmissor montado na Casa Paroquial.

Do Arcebispo tinha chegado uma mensagem: Não se sabia notícias de Ipanguaçú. As últimas informações tinham chegado por intermédio de pessoas em Açú que tinham fugido das enchentes. A água invadia tudo, e o povo estava fugindo em desespero. Era preciso um meio de contactar com Ipanguaçú. Como conseguir?... José Pinheiro e Dão se prontificaram. Então resolvi acompanhá-los. Saimos de Pendências, de manhã cedo, navegando em uma canoa por cima da antiga rodagem Pendências-Alto do Rodrigues. Aqui e ali éramos surpreendidos pelo miado de um gato faminto em cima das árvores ou nas cumeeiras das casas. No silêncio do murmurinho das águas, faziam côro o gorgear dos passarinhos nas copas das carnaubeiras.

FOTO DAS ENCHENTES DO RIO AÇÚ



Os Escoteiros vacinando o povo na enchente do rio Açú. Distinguindo-se a pessoa do Prof. Geraldo Lucas e do Prefeito de Macau, Cledionor Francisco de Mendonça

Ao chegarmos ao Alto do Rodrigues, apanhamos um Jeep e seguimos pela estrada enlameada até onde foi possível. Daí fomos a pé. No primeiro rio que encontramos, improvisamos uma balsa feita de pau de carnaúba, e prosseguimos viagem. Mais à frente, encontramos um trator que nos levou até o rio mais próximo. Aí não havia nem sequer, tronco de carnaúba, e tivemos que atravessar a nado. Dão não sabia nadar. E tivemos que improvisar uma maneira de transportá-lo. Seguimos a pé até Ipanguaçú pela estrada enlameada.

Ali tudo era desolação. As casas fechadas. A água nas ruas, duas ou três pessoas, somente na cidade. O povo havia saído todo para Pataxó. Fizemos o mesmo percurso de retorno e informamos a Natal para que recursos pudessem ser mandados a Pataxó, por intermédio da Aeronáutica.

Durante anos e mais anos o mesmo trabalho se repetia. Os padres se entusiasmavam com o trabalho dos meninos. E muitos deles faziam a promessa escoteira. Assim em 64 e 65.

SEMPRE SERVIR

Macau atravessava uma crise de água sem igual. Os botes da aguada não vinham. O único carro tanque estava quebrado. Tudo era muito triste. Noite a dia, no Porto, ou no Valadão, uma mãe pedindo um pouco de água pelo amor de Deus para preparar a comida de seu filhinho.

Os escoteiros sentiram o problema. Temos que ir a Natal. E fomos. Um trem de água foi remetido urgentemente para Macau, e três carros tanques do Exército foram postos à disposição dos escoteiros. Eles entraram em campo. Filas enormes de noite a dia ao lado do Ginásio. Eles molhados, atendendo a todos.

Só neles o povo confiava.

Eram os jovens a serviço da comunidade.

SOCORRER OS ENFERMOS

Macau era uma cidade difícil. Era conhecida como a cidade do crime. Muito dinheiro, pouca formação. A vida era essa: ganhar dinheiro e estragar. Bebidas, farras, cabarés. Aconteciam coisas que quem não viveu aquela época, pode pensar que é estória. Mas é a pura verdade. Como por

exemplo: comprar caixas e mais caixas de cerveja para, com elas, dar banho no carro alugado para a farra; alugar dois transportes: — um para viajar e outro de reserva; acender um cigarro com uma nota de cem cruzeiros que naquele tempo era muito dinheiro. E outras coisas tantas.

A consequência disso é que o crime campeava. Tiros, peixeiradas, brigas, acidentes de automóvel, tudo isso era lugar comum.

Raro era o dia em que não se esfaqueava um, se atirava noutro ou se matava. Já havia um slogan na praça: "mataram um e tem outro amarrado". Muita gente morria por falta de recursos médicos. Não havia hospital. Não existia ambulatório. Dr. Luiz Evangelista, era o único médico do lugar. Apesar de se dizer ateu, fazia milagres. Vi uma vez amputar uma perna de um, realizar uma melindrosa operação num esfaqueado a sangue frio, na base da anestesia; "ai meu Deus!"... Outros médicos vieram depois: Dr. Antônio Machado, Dr. Nagib, Dr. Francisco Pereira, Dr. Amaury. Mas de início era só Dr. Luiz.

Vidas poderiam ser salvas se houvesse socorro. Numa reunião discutimos o assunto e saímos dali decididos a adquirir uma ambulância. Não foi difícil. A idéia encontrou acolhida no povo. Principalmente entre os operários da CCN. E uma ambulância foi comprada.

Uma das cousas que mais revoltava certo tipo de gente importante era a confiança que depositávamos nos meninos, filhos de operários. Ainda hoje pago caro esse meu modo de ação quando os invejosos têm uma oportunidade de se vingarem dos antigos recalques.

Tudo era entregue a eles: finanças, administração, carros etc. Mas se havia os importantes que se revoltavam, havia o povo que prestigiava os meninos e acatava nossa maneira de agir.

Quando a ambulância apitava a qualquer hora da noite, já se sabia que os escoteiros estavam em atividade tentando salvar uma vida.

Alguns escoteiros classificaram o seu tipo sanguíneo. E quando a ambulância partia para Natal com um baleado ou esfaqueado, ou ainda vítima de desastre, já levava também um escoteiro doador de sangue. No Hospital das Clínicas, no Médico Cirúrgico em Natal, já era conhecida a ambulância dos escoteiros quando chegava quase todas as noites. Muitas vezes, quando a ambulância retornava de Natal, já tinha outro escoteiro de prontidão para levar outro ferido. Muitas vezes eu os acompanhava para desempenhar a minha missão espiritual. Quantas vidas foram salvas pelo trabalho desses jovens escoteiros. Arimatéa, Edson Dantas, Zé Pinheiro, Tarzan e outros tantos.

Os escoteiros estavam em tudo. O Centro Social Pio XI centralizava todos os trabalhos da comunidade. Alí havia o bureau dos encarregados de saúde, os especialistas em questões trabalhistas e sindical, como Kidinho que estudava e encaminhava as questões trabalhistas para o advogado. Pois

era ao Centro que os trabalhadores se dirigiam quando se viam em dificuldades. Foi alí onde foi preparado o primeiro líder fundador dos Sindicatos Rurais do Rio Grande do Norte — José Rodrigues.

Alí Carlinhos, hoje gerente do Banco do Nordeste em Recife, Juninho, hoje alto funcionário do BANESPA, Arimatéa, do Banco do Brasil, Ivanaldo, Gerente do BANDERN, Masinho, engenheiro e muitos outros, fizeram suas primeiras experiências financeiras. Carlinhos e Arimatéa, principalmente, ficaram conhecidos como pão duros. Pois eram realmente difíceis para soltarem dinheiro.

Eles, meninos ainda, movimentavam milhões. Só eles sabiam o segredo do cofre. Nesse tempo ainda não havia bancos em Macau.

Alguns fizeram experiências como dirigentes de empresas dirigindo a salina do patrimônio, que era explorada pela firma J. Penha e geradora de recursos que eram empregados nas atividades sociais da paróquia. Tudo em benefício do povo. Dos que fizeram essa experiência temos hoje Milton Minora, diretor da Carteira Imobiliária do BANDERN, Ivanaldo, gerente do BANDERN em Macau e Industrial, Masinho, Engenheiro, Zé Aderson, prefeito de Pedro Avelino e diretor de Empresa Imobiliária, Manolo, professor. Cada escoteiro tinha uma especialidade e assumia uma responsabilidade. Zé Augusto, Paulo Testinha, Zé Maria e Luiz Gonzaga eram tipógrafos.

Recordo-me de um fato que é digno de ser relatado:

Era a véspera da formatura de uma turma do Ginásio. À tarde, chegara o transporte de Natal e não trouxera os diplomas que tinham sido mandados confeccionar na Capital. Reunimos os escoteiros responsáveis pela tipografia, e pelo motor elétrico. Depois de explicar tudo, Zé Maria falou com aquela sua calma habitual: Eu prometo dar pronto os diplomas até amanhã. Zé Maria trancou-se na tipografia. Às 15 horas do dia seguinte os diplomas estavam na secretaria muito bem confeccionados. À noite, na hora da solenidade de entrega foi chamado o nome do concluinte José Maria Coutinho. Os concluintes responderam de pé, com uma salva de palmas. Ele tinha ficado dormindo no chão da tipografia, enquanto os seus colegas participavam da festa.

Foi com esse grupo de jovens que iniciamos os nossos trabalhos em Macau.

ENSINO PARA TODOS

A situação do analfabetismo em Macau, era um fato. Poucas eram as crianças que estudavam. Os escoteiros tomaram consciência disso. E sem ajuda de quem quer que fosse iniciaram uma campanha de alfabetização nos bairros, especialmente no Valadão, onde só havia a Escola de Dona

Maria Chiquinha. Todas as noites, lá iam eles, fardados com uma pilha ou uma lâmpada a querosene para dar aulas mesmo nas ruas, se sentavam mesmo no chão com a garotada e o bureau era muitas vezes, uma lata seca de querosene. Getúlio Teixeira foi o grande protagonista dessa campanha junto com Kidinho, Ivanaldo, Geraldo Lucas e tantos outros. Daí surgiram posteriormente diversas escolas no Porto, no Valadão, na Ilha de Santana que eram mantidas pelo Centro Social Pio XI e que foram encampadas pelo município na primeira administração do prefeito José Heliodoro de Oliveira. O homem que introduziu um novo sentido administrativo na Prefeitura de Macau.

O SONHO DO MONSENHOR HONÓRIO

Quando chegamos a Macau existia, em matéria de escola, apenas o Grupo Escolar Duque de Caxias. Nesse grupo funcionava também uma Escola Normal Regional para formar regentes de classe. Mas era um curso que não tinha qualquer valor legal junto ao ensino federal.

Fundar um Ginásio naquela época era muito mais difícil do que criar hoje uma universidade. Para conseguir fundar um ginásio tinha-se que obedecer a uma série de exigências do Ministério de Educação e Cultura.

Foto de Monsenhor Honório



Monsenhor Honório fundador do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Açú, e o responsável pela vinda das Filhas do Amor Divino para o Rio Grande do Norte, sonhava com um colégio em sua terra Natal. Com esta visão ele deixou Niteroi onde gozava de muito prestígio e de grande conceito, para se dedicar à sua terra.

Comprou de herdeiros partes de uma grande casa que ia da Praça da Conceição a Beco sem nominação para ali instalar o Colégio com o nome que ele havia escolhido: Nossa Senhora de Guadalupe. Seu desejo era trazer para Macau as Filhas do Amor Divino e entregar a elas o colégio como fizera em Açú.

Mas Monsenhor Honório não pôde realizar seu sonho. Pela sua sinceridade teve diversas dificuldades com o Arcebispo de então, D. Marcolino Dantas, que por capricho não permitia a instalação do colégio, nem autorizava a vinda das freiras, apezar da imensa vontade que a irmã Josefina, superiora de Açú tinha, por gratidão, de ser superiora de Macau.

MONSENHOR HONÓRIO

Era assim Monsenhor Honório. Homem de Deus. De uma piedade sem igual. Parece que ele não vivia para esse mundo. Mas na realidade estava no mundo para servir a Deus e aos seus irmãos.

Homem de oração. Como santo, era obediente, mas não subserviente. Ele não tolerava essa história de dizer que uma cousa errada fosse a vontade de Deus. Ele dizia: eu aceito por humildade e por obediência. Mas isso está errado. E eu não vou atribuir a Deus uma cousa errada.

Monsenhor Honório pertencia a uma estirpe originária da própria gleba macauense. Era neto do abolicionista.

O jangadeiro que transportava os cativos na sua jangada para o Ceará para livrá-los da vergonha do cativeiro.

Filho de Francisco Honório Canuto da Silveira e Ana Maria da Conceição, veio ao mundo no dia 14 de janeiro de 1879, tornou-se cristão no dia 2 de março de 1879, fez sua primeira comunhão no dia 1 de novembro de 1892, entrou para o Seminário Episcopal da Paraíba. Ordenou-se sacerdote no dia 9 de novembro de 1902.

Sua vida foi totalmente dedicada ao serviço dos homens. Foi vigário em Açú e Macau.

Mas sempre amou a sua terra. Por isso, quando Macau era esquecido, e não tinha vigário, ele largou tudo em Niteroi e veio servir a Macau até a morte.

Todos em Macau conhecem o seu espírito sacerdotal. Para ele não havia canseira, quando se tratava de sua missão apostólica. Nunca se negou a atender a um enfermo. Muitas vezes seguia para o Valadão ou para o Porto, para atender a um enfermo, sentado em uma carroça, lendo o seu breviário e jogando confeitos para as crianças que o acompanhavam festivamente.

Monsenhor Honório era pobre. E tudo que vinha às suas mãos era para os pobres. Ele sem fazer barulho viveu, como Padre João Maria, a Igreja dos pobres. Por isso nunca lhe faltou nada.

Lembro-me no seu leito de dores, quando gemia sorrindo e oferecendo suas dores pela conversão de seu povo. "Este azedo precisa sofrer". E começava a rezar. Foi assim até o momento derradeiro. Julgo-me muito feliz por ter sido seu cooperador até o final de sua vida.

Houve coisas na vida de Monsenhor Honório que nos impressionavam: — Sua lealdade para com os cooperadores. Certa vez, quando Macau atravessava uma fase de agitação, e a Igreja disputava a liderança dos trabalhadores, houve um fato interessante num primeiro de maio.

A Igreja havia programado uma grande concentração de operários para a manhã de 1º de maio, com a celebração da Páscoa dos Operários. Toda uma programação havia sido feita. Esperávamos um grande número de trabalhadores. A concentração seria no Colégio. O Conselho Sindical que sofria, na época uma grande influência marxista tentava neutralizar a ação da Igreja junto aos trabalhadores. Por isso o Conselho Sindical programou uma passeata pública com hasteamento da bandeira em todos os Sindicatos na mesma hora da Missa. Como eles sabiam da influência dos padres novos no meio dos operários e da veneração do povo pelo Monsenhor Honório, foram falar com ele para celebrar uma Missa na Praça Pública depois da passeata. Monsenhor prometeu dar a resposta depois e mandou me chamar para saber o que fazia. Eu disse: Aceite a Missa, Monsenhor. Ele respondeu: Mas o senhor é quem vai programar tudo. E assim foi feito. O Conselho Sindical colocou carros de som na rua convidando o povo para a passeata e o encerramento com a missa que seria celebrada "pelo santo vigário Monsenhor Honório".

Chega a manhã de primeiro de maio. Os operários se reuniram na Igreja Matriz, de onde sairam com a imágem de S. José. A concentração se realizou na quadra do ginásio. Toda área livre do ginásio ficou totalmente lotada. A Missa foi celebrada, com muita participação. Na véspera, eu e padre José Luis nos desdobramos para confessar os operários mesmo nos locais de trabalho. Nas barcaças enquanto trabalhavam, nas salinas, sentados ao lado de tratoristas, cumprimos durante o dia e a noite a nossa missão. Todos estavam alegres. Todos cantavam. Lá fora, ouvíamos o

som da banda de música que acompanhava a passeata até os sindicatos, onde a bandeira nacional era hasteada ao som da marcha — "Avante Camarada"! Não sei se a substituição dessa marcha ao hino nacional tinha uma segunda intenção; mas parecia. Na realidade, só o pessoal que fazia parte dos grupos estava lá. Porque as direções sindicais na sua maioria, estavam na Missa do Colégio. Enquanto isso um carro de som continuava na rua convidando o povo para a Missa do Santo Monsenhor Honório, na Praça Pública, comemorando o Dia do Trabalho.

FOTO DE 1º DE MAIO



Os trabalhdores de Alagamar comemoram o 1º de Maio no Ginásio Nossa Senhora da Conceição

Mandamos preparar o Altar no palanque da praça. Mal terminou a Missa no Colégio fomos para lá, enquanto era servido o café aos comungantes. Tomamos a frente de tudo. Mas o povo continuava no Colégio. Foi quando percebemos que não havia gente para assistir a Missa fomos convocar os operários no Colégio, e eles vieram para a Praça. Na hora fomos buscar o Monsenhor Honório em casa. Foi aí que mais uma vez sentimos o espírito sacerdotal do velhinho. Ele me disse: eu vou para lá mas não vou celebrar a Missa. Quem vai celebrar a Missa é o Padre José Luiz. Acontece que o tal grupo não gostava do meu trabalho mas temia me atacar. Então se vingava no padre José Luiz, que além de tudo usava sempre de muita ironia nas cousas. E eles demonstravam mesmo raiva contra o Zé Luiz, a quem já tinham até ameaçado de prisão. Aí foi a grande surpresa

quando Monsenhor Honório pegando o microfone disse: Nós somos todos uma Igreja. Não há distinção entre padres. O padre José Luiz vai celebrar a Missa e o Pe. João Penha vai fazer o sermão. Calculem bem o que ficou por dentro daquela turma. Na pregação, o meu sermão se firmou num princípio: devemos dar glória a Deus como pessoa e como coletividade. Já o fizemos como pessoa lá na Missa do Colégio quando nos unimos ao Senhor pela Eucaristia. Agora estamos aqui como coletividade, com todas as organizações sindicais reunidas em praça pública para dar graças ao Senhor. Grande testemunho de espírito cristão dos nossos dirigentes sindicais. Esse testemunho deveria ser levado para todo o mundo.

O certo é que no fim eles ficaram também satisfeitos.

Era esse o testemunho de um padre idoso que possuia sempre uma juventude sacerdotal.

TRÊS FATOS INTERESSANTES

O Carro de Diógo Lopes

Monsenhor Honório sempre gostava de atender aos enfermos quando era chamado para uma confissão. Jamais ele dizia padre vá atender a esse enfermo. Se me procuravam eu ia. Mas se falavam diretamente com Monsenhor Honório, ele não se cansava e caladinho ia atender ao enfermo. Quando eu descobria, então era que dizia: Monsenhor, deixe que eu vou. Sabe o que ele respondia? O senhor está muito cansado.

Num desses chamados Monsenhor Honório foi atender a um enfermo em Diôgo Lopes. Eu havia viajado para Pendências e quando cheguei ele já havia ido, deixando um recado para Dona Ana, sua irmã. Diga ao padre que vá repousar, que eu já fui atender ao enfermo.

Pois bem, ai houve um acontecimento interessante. O jeep em que ele viajara foi dar marcha ré, não viu Monsenhor Honório e o derrubou, passando por cima de sua perna. Quando todo mundo gritou, o jeep voltou rápido passando de novo por cima da perna de Monsenhor Honório. Todos julgavam que ele houvesse esmagado a perna; mas Monsenhor simplesmente se levantou e saiu andando. Todo mundo ficou abismado. Quando ele chegou não queria que ninguém falasse no acontecimento, e quando sorrindo nós íamos perguntar se o osso dele era ferro ele fazia aquele engrolado na língua querendo fugir ao assunto.

O CASO DO RIO AMARGOSO

Desse fato eu fui testemunha. E João Pereira (João Neblina) ainda vive para confirmar. Vínhamos de Pendências. Eu, Monsenhor Honório e João Pereira. Era o período das enchentes. O aterro do Espinheiro tinha sido destruido pelas chuvas e só se podia chegar a Macau, pela estrada de Amargoso. Chovia bastante. Quando chegamos à margem do Rio Amargoso, notamos que o rio estava tomando água. Era difícil passar. O jeep não estava pegando no arranque e era perigoso. Por isso parei um pouco para cobrir o distribuidor com um lenço e passar de vez. Entramos no rio. Bem no meio do rio o jeep estancou. A água subia e já entrava no jeep. O rio vinha com uma enchente. Saltei rápido e retirei o lenço. Monsenhor, o que faremos agora? O jeep não está pegando no arranque e não tem quem empurre para fora d'água. Saia Monsenhor que eu e João vamos tentar tirar o jeep no empurrão. foi quando ele disse: Ligue a chave. Eu liguei e o jeep pegou. Saímos. Ele rezava. Ninguém teve coragem de dizer nada. Ele não gostava quando eu contava essa história diante dele.

OUTRA CASUALIDADE

Muito tempo depois da morte de Monsenhor, foram fazer uma limpeza na Igreja. Eu já não era mais o vigário de Macau. Já me tinham dado as contas. Mas presenciei o acontecimento. Armaram um andaime em toda a Igreja para concertar o forro. Um caibro estava colocado bem em cima do túmulo de Monsenhor. Acontece que um dia notaram que a estaca que estava em cima da sepultura de Monsenhor estava brotando. Já com olho e folhas. Trataram logo de tirar. Alguém explicou que era porque a estaca estava ainda verde. Mas o admirável era a coincidência. De tantas que vieram do mesmo local, só a que estava sobre a sepultura de Monsenhor foi a que brotou. Não quero fazer comentários. Todo mundo sabe disso em Macau.

A PRESENÇA DE D. EUGÊNIO

Quando me mandaram para Macau, como cooperador de Monsenhor Honório não me mandaram como prêmio ou porque gostassem de mim. Talvez fosse a maneira de calar um padre novo, que estava sendo muito badalado por causa do seu trabalho junto à juventude agrária. Macau, na época, era considerado o fim do mundo.

D. Eugênio de Araújo Sales, era o bispo auxiliar de Natal. Foi ele

o meu orientador espiritual desde o seminário menor. Talvez a ele eu deva muito o meu sacerdócio.

Quando fui para Macau, meio desanimado, ele muito me estimulou. Era no tempo em que D. Eugênio estava iniciando um trabalho que o tornava um nome internacional. Procurando não me deixar desanimar, ele lembrou o campo de apostolado que era Macau, quanto ao setor operário, onde eu poderia me realizar. D. Eugênio já sabia do trabalho que vínhamos realizando com a JAC em Lagoa Nova e com os operários da Mina Brejuí, em Currais Novos.

Ele fez-me ver, em conversa, a possibilidade de criar um ginásio em Macau. Sabia do desejo de Monsenhor Honório e dos óbices postos por D. Marcolino. Por isso, como diplomata que ele sempre foi, procurou reconciliar duas partes. — D. Marcolino deu o nome do Ginásio — Nossa Senhora da Conceição. Monsenhor Honório queria o nome de Nossa Senhora de Guadalupe. Mas o que Monsenhor Honório queria verdadeiramente, era que Macau tivesse o seu colégio. Por isso não foi difícil aceitar a idéia. Afinal dizia ele: é Nossa Senhora.

D. Eugênio que já recebera um convite de Felipe Gomes Tiago para se inteirar do que seria o CNEG (hoje CNEC) mandou-me ao Rio de Janeiro para falar com o Dr. Felipe Gomes Tiago e tomar conhecimento a respeito da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. De nossa viagem ao Rio, trouxe os dados necessários para a implantação de um Diretório da CNEG no Rio Grande do Norte, do qual o primeiro presidente seria D. Eugênio, e eu o vice-presidente, para assumir diretamente os trabalhos de implantação da CNEG.

AS PRIMEIRAS CONVERSAS

Conforme já vimos a primeira movimentação da cidade, foi realizada pelos escoteiros. Mas era preciso movimentar as lideranças adultas. Monsenhor Honório não fechava os dentes. O difícil era comunicar como seria o nome do Colégio: Não tem nada não tudo é Nossa Senhora.

Foram convocados para a primeira reunião, na casa paroquial: Afonso Solino, Luiz Xavier, intelectual e poeta da terra e Virgílio Barbosa.

UM PRIMEIRO MOVIMENTO

Chegamos em março em Macau, D. Eugênio insistia na idéia de um Ginásio. Em junho tivemos os primeiros contatos com a comunidade visando a fundação de um Ginásio. Não entendiamos ainda nada de ensino mas seguindo a orientação de D. Eugênio, a primeira cousa que fizemos foi reunir um grupo e fundar o Ginásio. É certo que essa fundação não teve valor oficial. Mas foi o primeiro movimento. Isto em junho de 1956.

Essa reunião foi realizada na casa paroquial e contou com a presença de um pequeno grupo, conforme vemos na ata de fundação.

ATA DE FUNDAÇÃO DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Aos vinte e seis dias do mês de junho do ano de mil novecentos e cincoenta e seis, precisamente às dezoito e trinta horas realizou-se no salão da residência paroquial sito à Praça da Conceição, nesta cidade, a sessão de fundação do Ginásio "Nossa Senhora da Conceição".

Dirigindo os trabalhos, expôs o Revmo. Pe. João Penha de maneira brilhante e clara a finalidade do referido educandário, bem como os benefícios que traria o mesmo à juventude macauense que assim poderia com facilidade preparar-se física, moral e intelectualmente, no seu próprio meio, sem grande dispêndio econômico, para uma vida mais digna e útil a si e aos seus semelhantes, elevando consequentemente o nível cultural da nossa terra e contribuindo de maneira eficaz para o seu progresso futuro.

Disse ainda dever-se a feliz idéia de dar a Macau um novo estabelecimento, a sua Excia. Revma. D. Eugênio de Araújo Sales, DD. Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Natal e representante da Campanha Nacional de Educandários Gratúitos no Rio Grande do Norte, sob cujo controle ficarão este e os demais ginásios criados no Estado.

Pelos presentes foi recebida a notícia com o máximo entusiasmo e sincera gratidão.

Continuando os trabalhos, foram discutidos e aprovados os estatutos da nova instituição, sendo na mesma ocasião eleita e empossada uma diretoria, composta de quatro membros para dirigir os destinos da mesma, que ficou assim constituida:

Presidente: O Revmo. Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, Vice-Presidente: Sr. Alfredo Teixeira de Souza, Secretária: Anaide Dantas, Tesoureiro: Luiz Xavier da Costa.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão de que, para constar, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da recém-eleita diretoria.

Macau, 26 de junho de 1956

Monsenhor Joaquim Honório da Silveira
Alfredo Teixeira de Souza
Anaíde Dantas — Secretária
Luiz Xavier da Costa — Tesoureiro.

Este foi o primeiro sinal. Mas daí para a frente é que iríamos tomar conhecimento como era realmente difícil fundar um Ginásio.

OS PIONEIROS

Não é mais preciso falar nos escoteiros. Foram eles que realizaram as primeiras movimentações na cidade. Agora era preciso movimentar as lideranças adultas. Reunimos Luiz Xavier, Afonso Solino, Virgílio Barbosa e Silva, Anaíde Dantas, Dr. José Olavo, Afonso Barros e muitos outros. E começamos a trabalhar.

UMA HOMENAGEM JUSTA

Honras, glória e gratidão a Felipe Gomes Tiago. O homem que idealizou e converteu em realidade a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Hoje Campanha Nacional de Ensino Comunitário. Foi ele quem muito nos ajudou, apezar de logo de início termos tido a idéia de não comprometermos o patrimônio que ficou anexado ao Centro Social Pio XI. Assim mesmo ele tudo fez para nos ajudar. Foi a Direção Nacional da CNEG quem nos doou o primeiro material e os equipamentos necessários ao funcionamento do Ginásio. Além da garantia de uma ajuda financeira, e toda cobertura junto à Diretoria do Ensino Secundário. Sempre que viajávamos ao Rio, encontrávamos em Felipe um apoio integral para o nosso trabalho.

A idéia no entanto estava lançada. Só se falava no Ginásio. Muitos não acreditavam. O povo foi convocado, Sindicatos, Lions Clube, Prefeitura, Empresas. Toda uma comunidade se movimentava com uma mesma visão.

Havia uma construção iniciada de uma antiga escola rural do INEP. Verificamos que toda a área do terreno estava desocupada e nada tinha sido doado ou aforado. Logo requeremos o aforamento de toda a área.

O então Secretário de Educação, Dr. Tarcísio Maia, que por coincidência sempre nos encontramos quando se procura o progresso educacional de Macau — para a Universidade ele era Governador — nos autorizou aproveitar o material já usado na construção. E com a ajuda dos escoteiros, dos operários de Alagamar e do povo derrubamos paredes e levantamos muros.

OS PRIMEIROS COLABORADORES

Caxias, hoje o Dr. Sadoc de Albuquerque Filho, Engenheiro Civil, diretor da ECOCIL, com apenas 12 anos assumiu a responsabilidade de dirigir os trabalhos de construção. Talvez daí tenha surgido a sua vocação para engenheiro. Carlos Alberto de Medeiros, Carlinhos ou Ambi, o responsável pelas finanças, amarrado que só ele, hoje gerente da Agência Metropolitana do Banco do Nordeste em Recife. Cada escoteiro tinha uma responsabilidade. Milton como monitor era o supervisor, Roberto era o encarregado de recolher os recursos de ajuda.

VIRGÍLIO

Esse é o nome a quem muito deve o nosso Ginásio, e eu diria a quem muito deve Macau. Virgílio era um idealista. Trouxe para Macau, a Cooperativa de Crédito, que muito ajudou o povo de Macau, até que esse malfadado sistema político-econômico a extinguiu. O primeiro serviço telefônico de Macau foi iniciativa dele.

Virgílio arregaçou as mangas para trabalhar pelo Ginásio de Macau. Foi ele quem movimentou o Lions Club para que ajudasse nas instalações.

E ele mesmo estava dentro de tudo para preparar a inspeção que deveria ser feita pelo representante do MEC.

Até ele fez com que todo o material de manipulação de sua farmácia, a "Farmácia Palmeira", fosse transferido para o Ginásio a fim de conseguir os pontos necessários para o laboratório. Vejam bem: naquele tempo para se fazer funcionar um Ginásio, era um pré-requisito possuir um Laboratório.

ALFREDO TEIXEIRA

Não sei se existe alguma rua em Macau com o nome de Alfredo Teixeira. Mas esse foi um nome a quem Macau muito deve. No tempo em que não existia previdência social, nem casa de saúde, nem médicos, Alfredo Teixeira era o médico de Macau. Prático de Farmácia, proprietário

da Farmácia Lourdes, ali ele atendia a chamados a qualquer hora da noite. Realizou muitos partos e salvou muitas vidas. Foi vice-prefeito, vereador por muitos anos. Era um homem bom e caridoso.

LUIZ XAVIER

Macau possuia uma série de auto-didatas que nos impressionavam: Homens como Edinor Avelino, Luiz Xavier, etc. Luix Xavier era um desses oradores de frase fina. Foi, como Afonso Barros, um desses homens obrigado por circunstâncias a escolher uma profissão que não lhe agradava. Ele era por natureza um homem de letras que lidava com o comércio. Mas era uma têmpera de fibra. Com 83 anos Luix Xavier estava à frente de todos os seus negócios. Viajava longas distâncias para cuidar de sua salina. E continuava a produzir versos. Como poeta não teve ninguém que o procurasse promover, como Edinor Avelino encontrou. Ele foi sempre um grande colaborador na educação. Muitas vezes ele dizia que sentia inveja, porque não tinha mais condições de sentar numa carteira com os meninos para estudar.

A Luiz Xavier a nossa homenagem, deixando neste livro alguns dos seus versos.

SAUDAÇÃO A MACAU

Macau! Macau! cidade centenária
vens cumprindo no tempo o teu destino,
no plano criador do Ser Divino!
pareces pobre, sendo milionária.

Também até pareces perdulária,
quando acolhes, bondosa, o pequenino
forasteiro, que traz somente o tino
de te sugar, cidade humanitária!

Em tempo de eleição, te cantam lôas,
do voto aventureiro, os políticos,
prometendo-te falsas coisas bôas.

Mas sem auxílio em teus momentos críticos,
vives servindo a todas as pessoas:
homens, mulheres, velhos, paralíticos.

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

MULHER PERDIDA

Alguém que teve ocasião de vê-la
mocinha, virgem, cheia de inocência,
toda a sua alma trescalando essência
de virtude, tão casta quanto bela.

Observando-a, hoje, aponta nela
as marcas negras da concupiscência,
a execração do vício, na inclemência
com que este visa ainda mais perdê-la.

Enganada no amor, às vezes penso,
abismou-se em paixão, não teve senso,
nem teve forças para melhor vida.

Da sua infância evita estar lembrada
e se entrega, na noite do seu nada,
ao seu destino de mulher perdida!...

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

RECORDAÇÃO

Amor de mocidade!... É como um vinho bom,
que se guarda na adega, em lugar reservado.
Quanto mais velho fica, apura-se no dom
de mais se requintar na essência do passado.

Mesmo quando pareça espectro amortalhado,
na cena de um enterro, em lágrimas e com
cortejo de ilusões a lamentar seu fado,
de um triste funeral, em langoroso tom,

É grato meditar nas emoções passadas,
de encontro e de fulgor de eternas madrugadas,
num suave prazer que o coração invade!

É reviver assim, de consciência pura,
o sonho que se foi, — platônica ventura,
na doce sensação de lânguida saudade.

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

DEUS-AMOR

Quando Deus-Pai, na criação do mundo,
fez o homem à sua semelhança,
infundiu-lhe a virtude da Esperança,
que o consolasse, quando moribundo.

Desse ato de amor, santo e fecundo,
nasceu a luz da fé, em que descança
do peregrino humano a confiança
de alcançar vida perenal, segundo

Disse Jesus, em divinal doutrina,
que sempre nos conforta e que propina
seiva espiritual ao padecente,

Assim, em seu mistério impenetrável,
imparcial, sublime e venerável,
o Deus-Amor em tudo está presente.

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

A SAUDADE DE MEU FILHO

Minha saudade paterna,
de um filial bem-querer,
que só não se faz eterna,
porque terei de morrer,
é chaga dentro de mim,
de um sofrimento sem fim,
na terra, enquanto eu viver!
Parece mesmo cratera
de inesperado vulcão,
que irrompeu no coração,
vomitando larva ardente,
a torturar-me, silente:
um golpe da morte austera,
tão real quanto é incerta,
embora sempre esperada;
é braza de uma fogueira,
no fim de uma noite inteira,
depois da chama apagada,
de cinza toda coberta,
queimando, oculta, calada...

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
(Na morte de seu filho JOSÉ DE ARIMATÉIA)
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

VOCAÇÃO ERRADA

Da galera da vida, inda criança,
um dia me fizeram tripulante,
e desde então, ao vento sibilante,
sem ferrar panos, a galera avança.

Junto ao leme do barco, na mestrança,
vai meu destino, ousado navegante,
rumando a um porto, que me diz distante,
onde espera ancorar em água mansa.

Ocupo um posto nesse audaz veleiro;
talvez por ter chegado derradeiro,
destribuido à minha revelia.

Mas, se morrer, sem ter chegado ao porto,
que digam todos que me saibam morto:
ele fez tudo quanto lhe cumpria.

LUIZ XAVIER

Luiz Xavier da Costa
Natal-RN - Av. Deodoro, 836

AFONSO BARROS

Afonso para quem não o conhece, parece à primeira vista um cara perigoso. Mas ele é um homem de coração aberto. Inteligente, amante da cultura, poeta nato, o que teria sido de Afonso se no seu tempo fosse possível cursar universidade?... Foi obrigado a exercer uma profissão da qual não gostava. "Nós comerciantes, dizia-me ele, somos uns exploradores que vivemos à custa dos outros. Compramos o que os outros fabricam e exploramos os que necessitam. Nós só fazemos ganhar o dinheiro. É triste a nossa profissão". Inteligência de escol, era daqueles poetas tipo Ovídio, que quando o pai o proibia de fazer versos, ele já respondia em versos ao pai. Era um orador de primeira, capaz de prender uma multidão. E tem uma cousa: Ele não dizia besteira. Pausado, comedido, fraze escorreita.

Afonso não podia fazer um discurso que não terminasse com um poema. Eis alguns dos seus belos versos.

Faz hoje cem anos que em Macau nasceu,
Um homem justo que em vida combateu
A perfídia, a ignomínia e a iniqüidade,
Como o CRISTO, caminhou verticalmente,
Disseminando do BEM, toda semente,
Procurando salvar a humanidade.

Monsenhor Joaquim Honório da Silveira,
Da virtude e da moral grande fogueira
Com a qual iluminava os corações;

Sua vida foi belo exemplo de pureza,
Combateu sempre a vilania e a torpeza,
Plantou amor às pósteras gerações.

Através de sua palavra benfazeja,
Verbo divino que ainda hoje troveja
Na beleza das mais santas orações;
Falava ao povo, com mui simplicidade,
O seu escudo, sobretudo, era a verdade,
Donde emanava as mais sublimes ações.

Viveu, neste planeta, humildemente,
Minorando o padecer do penitente,
Consolando, pelo amor, o desgraçado;
A doutrina do Deus vivo era o seu lema,
O Evangelho para ele era um poema
Entoado por JESUS CRUCIFICADO.

Peregrinou pregando o santo Evangelho,
Desde menino até ficar bem velho
Foi autêntico discípulo de Jesus;
Ao pobre mendigo estendeu sempre a mão,
Ao irmão faminto sempre levou o pão,
E ao humilde cego, levou sempre a luz.

A luz do seu caráter e da bondade
Difundiu à pecadora humanidade,
Nas chamas vivas do puríssimo amor;
O santo exemplo que deu aos semelhantes,
É relembrado em todos os instantes
Na sã doutrina do CRISTO REDENTOR.

Hoje podemos dizer sem nenhum susto:
Monsenhor foi sempre e sempre um homem justo,
Que aqui, na terra, viveu pregando o BEM;
Com sua palavra despida de maldade
Ele pregava com tanta santidade,
Que poucos homens neste planeta têm.

Tu que foste Monsenhor, grande luzeiro,
Dos mais humildes, assíduo companheiro

Nos momentos de dor e de aflição;
É preciso, que bem alto, aqui se diga:
Em ti jamais faltou palavra amiga,
Com a qual consolavas o teu irmão.

Neste instante esta gente aglomerada,
Queria ouvir a tua voz meiga e sagrada,
Dissertando sobre os santos mandamentos;
E não podendo, transporta-se ao passado
Onde bem nítido encontra registrado
Toda pureza dos teus ensinamentos.

Monsenhor, neste momento te dizemos:
Da tua vida, tudo que nós sabemos
É exemplo de grandeza e de bondade;
Vemos que foste, realmente, um homem puro,
Deixaste exemplo p'ra hoje e no futuro,
Remir a pecadora humanidade.

Tua memória nós hoje reverenciamos
E com toda devoção te desejamos
Que Jesus Cristo seja o teu protetor;
E que vivas nos jardins celestiais,
Entre flores de perfumes divinais:
Eis o que te desejamos, MONSENHOR.

"PADRE JOÃO PENHA FILHO"

Padre PENHA: surgiu como uma luz
Enviada pelo nosso irmão JESUS
Para em Macau, rasgar a escuridão;
Com sua inteligência fulgurante,
Difundiu em Macau, a cada instante,
A beleza, sem par, da instrução.

Com os dotes de sua inteligência
Fez nascer uma nova consciência
Na juventude da terra salineira,
Através da vera luz da instrução
Fez despertar em cada coração
Vida nova, sublime, alvissareira.

Um colégio fundou em nossa terra,
Que dizemos: muita grandeza encerra
Na formação de nossa mocidade;
Os sábios e claros ensinamentos
Criaram verdadeiros monumentos,
Áureos caminhos p'ra posteridade.

Muito lutou para fundar colégio,
Sem receber auxílio ou privilégio
A não ser da Santa Igreja e de Deus
Lutou com fé heróica e tenazmente
Para dar instrução à nossa gente,
Amando os jovens como filhos seus.

Muitas dificuldades, encontrou,
Mas, com ânimo forte, debelou,
sempre marchando altivo e triunfante;
Renunciando todos os prazeres
Aumentando seus duros afazeres,
Para servir ao jovem — estudante.

Aqueles que para ele foram ingratos,
Não passarão de "ilustres" candidatos
Ao desprezo da consciência humana;
Ele que foi e é um benfeitor,
Ninguém ofuscará o seu valor,
Suas virtudes jamais alguém empana.

Conhecemos, de perto, sua labuta
Sua maneira de gir e sua conduta
Como pároco e como cidadão;
Enfrentou a apatia e a indiferença
(Sem esperar nenhuma recompensa)
Executava, com fé, sua missão.

Neste verso rendemos homenagem
(Numa demonstração de vassalagem)
A esse vulto de incandescente brilho;
Rendemos nosso culto ao benfeitor,
Ao magno amigo, exímio professor,
Ao erudito PADRE JOÃO PENHA FILHO".

13 - 09 - 81 — "POTI"

Foi Afonso o grande sustentáculo econômico da nossa campanha. Eu penso até que o Ginásio ainda deve dinheiro a Afonso. Pelo menos eu me lembro que só gravamos um LP e o primeiro do Rio Grande do Norte, com músicas dos meninos de Macau, porque Afonso Barros emprestou o dinheiro. Só não me lembro se paguei a Afonso. Mas tenho a certeza que ele perdoou a dívida.

JOSÉ OLAVO

Zezé como o chamávamos. Foi um outro batalhador. Além de professor de Geografia, sem receber nada. Era um entusiasta. Muito lutou ao nosso lado pelo funcionamento do Ginásio. E mesmo quando deixou de ensinar continuou sendo nosso colaborador nas horas mais difíceis.

ÂNGELO VARELA

Este é a quem muito deve a Educação em Macau. Foi Angelo que sem nos conhecer, ao saber do nosso trabalho, logo se interessou por tudo. Aproveitando a sua posição e amizades na Câmara dos Deputados, conseguiu logo de início incluir Cr$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) no orçamento da União, para o Ginásio. Foi só quando o Ginásio teve ajuda do governo. Enquanto Ângelo esteve como ordenador de contas da Câmara Federal, ou como Secretário de Finanças do Estado, e Deputado Estadual. Ele era realmente interessado pela educação em sua terra. Somos eternamente reconhecidos a Ângelo Varela. Que é o nome dado ao nosso Centro Cívico.

UMA FILOSOFIA

Não podíamos pensar em Ginásio pago em Macau. Primeiramente, porque um Ginásio pago significaria a exclusão de muitos. Além disso em Macau não havia muita motivação para o estudo.

As profissões mais rendosas não exigiam estudos. Eram os barcaceiros e estivadores, e conferentes. Essas categorias profissionais ganhavam muito dinheiro e não precisava saber ler para ser estivador ou barcaceiro.

As vezes havia discussões fortes na praça entre filhos de barcaceiros e estivadores que não queriam estudar e os estudantes. — Qual estudo qual nada!... Você estuda, e depois?... Eu não estudo, arranjo um embarque e ganho mais do que um doutor". Não havia estímulo para o estudo. Os bancários, quando o Banco do Brasil entrou em funcionamento, sofriam uma situação vexatória nas festas, por parte dos filhos de barcaceiros. Eram chamados de "mendigos de gravata".

Além do mais havia abundância de revistas, editadas em português que vinham da China, Tchecoslováquia, Russia etc. E logicamente alguém defendia a idéia da estatização do ensino. Por isso não se podia pensar nem de leve em ensino pago. E lançamos um slogan — "Ensino livre e gratuito". Assim estávamos neutralisando qualquer campanha negativista.

A CNEG EM MACAU

Foi criado o Diretório Municipal da Campanha, ficando a primeira diretoria assim constituída:

PRESIDENTE — Pe. João Penha Filho
VICE-PRESIDENTE — Virgílio Barbosa e Silva
TESOUREIRO — Afonso Tonindon Barros
SECRETÁRIA — Anaíde Dantas.

Toda a comunidade foi movimentada. Apezar de algumas sugestões para que cobrássemos mensalidade dos que tivessem condições, discordamos. Não queríamos qualquer discriminação. O Ginásio era da comunidade e mantido pela comunidade. Foram abertas as subscrições para sócios. Cada sócio contribuia com a importância de vinte mil réis, traduzido hoje em vinte centavos.

A AJUDA DA CCN

Quando pensamos em criar um Ginásio, aproveitamos a oportunidade da presença em Macau do Dr. Paulo Ferraz e do Dr. Guilherme Pessoa de Queiroz, fomos em comissão ter um diálogo com eles. Tivemos boa acolhida do Dr. Guilherme o nosso permanente advogado, enquanto trabalhou em Macau. Mesmo quando a CCN mudou de dono e houve uma série de coisas desagradáveis no sentido de boicotar a continuação do nosso trabalho, ele lastimou bastante mas não podia fazer nada. Havia forças contrárias superiores que nos incompatibilizaram com a multinacional que substituia a CCN.

Aquela companhia adquiriu 120 carteiras individuais marca CIMO para o Ginásio. Além disso sempre atendia às nossas solicitações. Quando

saiu a Lei do Salário Educação, firmamos por seu intermédio o primeiro convênio. A CCN nos ajudou na ampliação do prédio com a construção de mais quatro salas de aula.

Além do recolhimento do Salário Educação para o funcionamento da Escola Professora Diair Gomes, para os filhos dos operários, garantia o funcionamento dos outros estabelecimentos de ensino. A CCN ainda doava fardas e calçados para os filhos dos operários. Toda uma rêde de assistência social dirigida pelo Centro Social Pio XI era garantida por esse convênio. Apezar das dificuldades vez por outra surgidas com a administração da CCN por questões trabalhistas, em virtude da nossa liderança junto aos operários de Alagamar. Nunca sofremos ameaças. Quando a CCN foi vendida a um grupo internacional, AKZO, que formou a CIRNE, então levantou-se uma campanha contra mim, e de uma maneira tão vergonhosa e ridícula que não quero nem falar no assunto.

E isso porque, como sempre, primei pela defesa dos injustiçados. Todos em Macau conhecem o caso de Caeté. Mas apezar de tudo, o Colégio subsistiu.

OS SINDICATOS

Essa foi sempre a nossa grande força e garantia. Era nos sindicatos, especialmente no Sindicato dos Barcaceiros e dos Estivadores que nós encontrávamos todo o apoio. Joaquim Maurício, Zacarias e muitos outros eram esteios fortes. Julio Porfírio era a nossa presença no Sindicato dos Marítimos. Lembro-me de uma festa promovida para a compra do Laboratório e ampliação do Ginásio, tendo à frente entre outras pessoas a figura de Dona Idalina, esposa de seu Julio Porfírio. Estivadores e barcaceiros se rivalizavam para saber quem contribuia mais em uma urna colocada na praça. Era tanto dinheiro que me inclinei por cima da urna e disse que bastava. Eu não queria mais.

Nesse tempo, Sindicato em Macau era realmente uma força.

OS OPERÁRIOS DE ALAGAMAR

Eles eram cerca de mil operários. Não tinham sindicatos. Desejavam formar o seu, mas a interferência política não lhes permitia. O sindicato onde deveriam estar enquadrados não os queria receber. Por isso eles se uniram em torno do Centro Social Pio XI. Lá eles tinham a garantia da defesa dos seus direitos. Havia mesmo um escoteiro encarregado do setor trabalhista, que procurava estudar caso por caso. Era Kidinho, hoje prefeito de Macau. A parte de advocacia era exercida pelo Dr. Laércio Medeiros. Falaremos ainda sobre o Dr. Laércio, João Bento, Zé Dantas, Agenor, Chico Cotó, são tantos nomes amigos que poderiamos lembrar!... Uns que já se foram, outros que já vivem aposentados, poucos que ainda permanecem na luta.

Eu aprendi a querer bem à turma de Alagamar. E muito sofri por causa deles. Principalmente depois de 1964. Várias vezes fui acusado de subversivo, várias denúncias foram feitas contra mim ao comando revolucionário. Muitas vezes antes do telegrama ir para o Correio passava no Colégio ou no Centro para que eu pudesse tomar conhecimento do conteúdo da denúncia. A turma de Alagamar entrou em greve em 1965. Pleno apogeu da revolução. Foi um caso. Falava-se em vinda do Exército para Macau, em minha prisão etc. Viajei, então a Recife à meia noite sem dizer nada a ninguém, e fui falar com o General Murici. Disse-lhe: General, as empresas querem dar a entender que essa revolução se fez contra os trabalhadores, e relatei tudo a ele. Ele me garantiu que nada aconteceria. "Eu o conheço padre, e sei que o senhor está agindo dentro dos princípios da justiça". Chamou seu auxiliar e mandou passar um rádio para o QG em Natal. — Nada de Exército em Macau sem ouvir o padre Penha.

Quando o novo grupo assumiu a CCN, que se transformou em CIRNE, os sonhos de muitos se realizaram com um coito de traições e falsidades sobre o que me causa nojo falar.

Preferimos falar sobre gente de bem. E eram eles os operários de Alagamar, a nossa grande força. Eles trabalhavam aos sábados e aos domingos e as vezes à noite, no Colégio para ampliação, pintura, conserto de material etc. Tudo isso de graça. Quando surgiu o Salário Educação em que o recolhimento era feito pelo número de alunos matriculados, eles faziam uma verdadeira campanha para matricular os filhos e eles também se matriculavam todos para estudar à noite, contanto que houvesse um bom recolhimento.

Por isso é que não me canso de deixar aqui a minha reconhecida gratidão aos operários de Alagamar.

PRIMEIRO RELATÓRIO APRESENTADO

Relatório do Ginásio Nossa Senhora da Conceição apresentado ao Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, após o seu funcionamento. A IDÉIA. Com a nossa chegada nessa cidade observamos a necessidade de um estabelecimento de Ensino Secundário onde a juventude, terminado o currículo primário pudesse satisfazer ao seu natural anseio de estudo e progresso.

Em verdade tornava-se difícil para as famílias menos abastadas

custear estudos em Ginásios e Colégios quer da capital, quer de outras cidades distantes.

Encontrava-se a idéia, amadurecida, do venerando vigário desta Paróquia, Monsenhor Joaquim Honório, de fundar o Colégio Nossa Senhora de Guadalupe.

Mas de acordo com a nova legislação do Ensino Secundário tornava-se difícil iniciar-se o ensino secundário por um Colégio.

Começamos a estudar o problema — o vigário e seu coadjutor, orientados pelo Sr. Arcebispo Metropolitano e pelo Bispo Auxiliar.

Pensou-se primeiro na criação de um Instituto a que o Sr. Arcebispo sugestionou dar o nome de Instituto Monsenhor Joaquim Honório. Idéia não de toda esquecida, para cuja realização esperamos sejam designadas por sua excelência, as religiosas que deverão dirigir o Instituto.

REALIZAÇÃO

A idéia do Monsenhor Joaquim Honório transforma-se em realidade. O sr. Bispo Auxiliar D. Eugênio Sales indo ao Rio de Janeiro é convidado a assumir a direção da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Rio Grande do Norte. Ao mesmo tempo D. Eugênio dssigna o Pe .João Penha para superintendente desta mesma Campanha no Estado, e foi lançada a idéia para cinco Ginásios da Campanha no Rio Grande do Norte e o primeiro deles seria, naturalmente, Macau.

Sobre a orientação do Sr. Bispo, foi feita uma primeira reunião para a fundação do Ginásio, na Casa Paroquial sobre a presidência do Monsenhor Joaquim Honório com a presença do padre João Penha Filho, dos senhores Alfredo Teixeira e Luz Xavier da Costa e da professora Anaíde Dantas.

Padre João Penha Filho, expôs, como representante da CNEG, a idéia da fundação do Ginásio.

Devendo viajar ao Rio de Janeiro para tomar parte no Congresso da CNEG, tratará de tornar realidade o Ginásio de Macau. No Rio entrou em contacto com o Dr. Felipe Gomes Tiago, superintendente da Campanha, com o Dr. Colombo Étienne, presidente da mesma e com o Dr. Gildásio Amado, Diretor do Ensino Secundário.

O Dr. Ângelo Varela sabendo tratar-se da fundação de um Ginásio em Macau, fez incluir no orçamento da união a verba de Cr$ 300.000,00 — (Trezentos mil Cruzeiros) para o Ginásio.

Tendo recebido a orientação de alta personalidade do Ensino Secundário no Rio de Janeiro, iniciamos os trabalhos para por o prédio de acordo com as exigências do Ensino Médio.

Não nos faltou, desde a nossa chegada a colaboração sincera e indispensável do Sr. Virgílio Barbosa e Silva que com o seu espírito idealista tudo fez para a criação e funcionamento do Ginásio. O mesmo se diga do Sr. Afonso Barros.

Assim, depois de cumpridas as formalidades legais iniciamos as nossas atividades, de que prestamos conta agora a Vossa Excelência.

Pe. João Penha Filho — Vig.-Cooperador.

MAIS UM PASSO À FRENTE

Tudo tinha sido preparado para a instalação do Ginásio. Uma lista de exigências nos tinha sido enviada pelo MEC para que o Inspetor que viria fazer a verificação prévia pudesse encontrar tudo em ordem.

Com a lista na mão foi fácil preparar tudo. Ainda não tinhamos carteiras escolares. — A Prefeitura emprestou as carteiras da Biblioteca Municipal. O Grupo Duque de Caxias transferiu temporariamente os quadros negros para o prédio do Ginásio para que o Inspetor pudesse encontrar o número de quadros negros exigidos. Alguns comerciantes emprestaram bureaus. A Biblioteca era uma beleza com os livros da Biblioteca Municipal. Virgílio trouxe o material de sua Farmácia para formar o Laboratório. Algumas famílias emprestaram filtros de água. Tudo deveria estar de acordo com o figurino quando o Inspetor chegasse. Também uma equipe de homens de importância da cidade, deveria dar cobertura sociai ao Inspetor, porque todos sabiam que a autorização para o funcionamento, dependia do seu parecer.

O Dr. Euclides Fernandes Gurjão, chegou a Macau em março de 1957. A cidade toda estava vivendo na espectativa do Inspetor. Foi uma semana de angústia. Para preparar o relatório, a primeira turma teria que fazer o exame de admissão sob as vistas do Inspetor.

O exame de Admissão era um verdadeiro vestibular.

Apesar de toda a seriedade do Inspetor nós estávamos animados. Ele agiu com muito rigor. Mas sentimos logo de início a sua boa vontade em cooperar. O relatório foi preparado e enviado ao MEC.

Dias depois chegava o resultado dos exames de admissão e a autorização para iniciar as aulas. Alegria geral.

Aqui está a Ata do primeiro exame de admissão e as questões das primeiras provas. A melhor prova foi a de que aí está exposta.

21 de abril de 1957. Data em qûe se iniciou a redação de Macau.

Foi um dia de festa. Monsenhor Honório era todo sorriso. Ele próprio era professor de Latim. E um grande professor. Todos os professores ensinavam gratuitamente. O interesse era grande.

O PRIMEIRO CORPO DOCENTE ERA ASSIM CONSTITUIDO:

Diair Gomes
Anaídes Dantas
José Olavo do Vale
Aldo Abreu
Pe. João Penha Filho
Monsenhor Joaquim Honório da Silveira
Gracilde Avelino
Eunice Galvão Montenegro

A PRIMEIRA TURMA DE ALUNOS MATRICULADOS NO ANO DE 1957

Daurita Darci de Paiva
Edília da Fonsêca Ribeiro
Gildete Maria M. Carmo
Luíza Rodrigues de Almeida
Maria da Conceição Mendonça
Maria da Salete Coutinho
Maria de Lourdes Cabral
Maria de Lourdes Melo
Maria Elizabète Bezerra
Maria Cícera de Freitas
Maria Zélia da Silva
Maria Delourdes Dantas
Terezinha de Medeiros Bezerra
Belarmino N. de Albuquerque Júnior
Carlos Alberto de Medeiros
Enock de Albuquerque Sobrinho
Geraldo Lucas Evangelista
Ilo Martins da Silva
Ivan Cavalcante Montenegro
José Ribamar Braga

Joaquim dos Santos
João Augusto Pinheiro
João Onofre Neto
Jorge Silva
Josias de Albuquerque Sobrinho
Milton Minora de Almeida
Márcio Gonçalves Melo
Manuel Xavier Montenegro Neto
Zacarias Maciel da Silva
José Ferreira de Assis
Edna Maria de M. Macêdo
José Rômulo Dantas
Flávio Augusto F. de Melo

Nova vida começava em Macau. A turma entusiasmadíssima. Era uma família.

Não podemos esquecer o trabalho pioneiro de seu Dudú e Dona Tosinha. Bem como as risadas enfadonhas de Barinho e Chico que trabalhavam sempre como serventes de pedreiros. Os alunos ajudavam em tudo. O tesoureiro do Colégio era um aluno. O encarregado das compras era um aluno, para dizer a verdade aluno escoteiro.

SUA CAMINHADA

O Ginásio caminhava e empolgava a cidade. Os exames de admissão se sucediam. A Segunda Turma de exame de admissão.

Já se tornara tradicional o trote. O que hoje se faz após o resultado do Vestibular na Universidade era feito naquele tempo no Ginásio. Não só aqui em Macau; mas também em Natal, havia o tradicional trote entre os alunos do Ateneu ou do Colégio Marista.

Como eram interessantes os desfiles de 7 de setembro. Até a primeira turma da Faculdade de Medicina, vinha desfilar com o Ginásio em Macau. Foi o Ginásio quem introduziu os desfiles alegóricos no dia 7 de setembro. No primeiro ano foi feito um desfile da História do Brasil, do Descobrimento até a Independência.

Uma grande Nau com a figura de Pedro Alvares Cabral à frente. Vinha em seguida um caminhão com a Primeira Missa e os índios. Depois Anchieta e os Missionários. Em seguida a História da Escravidão. Finalmente a Libertação dos Escravos, Tiradentes e a Independência do Brasil.

No segundo ano foi idealizado um desfile para simbolizar a Inde-

pendência Econômica e Intelectual do Brasil. Então apareceram as torres de Petróleo, a Educação, a Indústria. Pela primeira vez apareceram as Salinas na sua primitividade e a caminhada para a industrialização.

Cada ano surgia uma novidade.

VIDA ESPORTIVA

Compreendendo a necessidade do Esporte para o jovem, o Ginásio desenvolveu a prática esportiva. Possuíamos o melhor time de futebol de salão da cidade, e um dos melhores do Estado. Quem chegava de Natal ou de fora aqui, apanhava.

No Basket, chegamos a ser campeões juvenis do Estado, derrotando até o time da AABB, que era base da seleção norte-riograndense de basketebol que havia feito sucesso em plano nacional no último campeonato.

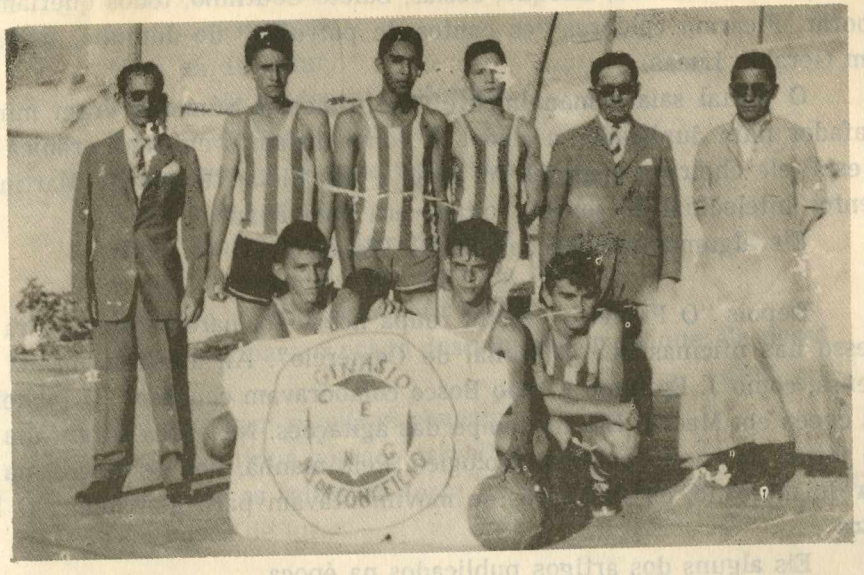
Esse time campeão era assim formado:

Flávio Melo
Ivan Montenegro
Carlos Medeiros
Rômulo Dantas
Alberto Melo.

Começamos a jogar. De início éramos os matutos e ninguém dava nada pelo nosso jogo. Quando começamos a ganhar os times de Natal começaram a se preocupar. O técnico da AABB José Augusto, estimulava a nossa turma durante os jogos. Naturalmente ele pensava que tudo ia ser muito fácil se nós fossemos finalistas com eles. A AABB jogava na base do contra ataque. Dois homens na frente que quando pegavam a bola disparava e encontravam toda a defesa aberta e zás, cesta.

Nós não tivemos muito tempo para treinar. Mas as nossas explicações sobre basquete eram dadas à base do quadro negro. Tudo dependeria de ordem e disciplina: dizia eu. Inventamos uma tal de marcação por zona. Na qual o time todo para a defesa quando era atacado e avançava todo de vez quando estava no ataque. Criamos um sistema chamado de Zig Zag, que a turma modificava de acordo com o sinal que nós dávamos com dedos com todo o cuidado para não descobrirem o segredo do nosso sistema. E o certo é que quando chegou o jogo com a AABB, o técnico Zé Augusto já se considerava campeão. E quando os meninos puseram em prática a nova técnica, foi um sucesso, apesar de juiz e de tudo. Vencemos e voltamos para Macau como campeões juvenis do Estado.

FOTO DO TIME DE BASKET



Era assim o espírito de todos. Uma família. Um orfeão que poderia fazer inveja a qualquer coral artístico. Vozes maravilhosas como a de Neuma que quando fazia o solo no canto da borboleta fazia todo mundo chorar. Zé Pinheiro, tenor; Manoel Montenegro, baixo; Rosarinho Silva, contralto e tantos outros!... Números que fizeram época, como o **Minueto da Saudade, Mãesinha, A Canção de Tiradentes** e tantos outros. Era um ambiente de família, interesse pelos estudos e muita fraternidade. O espírito de Jesus Cristo estava presente em tudo.

Foi logo colocada na frente dos alunos uma idéia — O Ginásio era a continuação da Igreja. Na Semana Santa a turma estava toda fardada, de canto na mão, entoando o canto gregoriano. Em todos os atos litúrgicos, nas campanhas da Igreja, o Ginásio era o primeiro. Muita gente se admirava por ver Carlos Melo, Ilo ou Flávio Melo na Igreja, cantando.

Como bons cristãos fomos a Natal receber a bênção de D. Marcolino. Foi aí que ele entusiasmado fez um de seus célebres trocadilhos: Vocês são o sal da terra na terra do sal.

"O PIONEIRO"

O Ginásio ía de vento em popa. Era uma nova mentalidade que se implantava na cidade. O pensamento dos estudantes era renovar a mentalidade do povo. Por isso pensou-se em um jornal. O nome escolhido

foi "O Pioneiro". Manoel Montenegro, Ilo Martins, José Braga, João Pinheiro, Milton Minora, Enoque, Josias, Salete Coutinho, todos queriam colaborar. Ficaram célebres "os cantos de patrulha" de Juninho, mexendo com Geraldo Lucas.

O jornal saía semanalmente. Os primeiros números eram mimeografados num duplicador a álcool. E como dizíamos em uma crônica que aí está, ele cheirava a álcool no papel e nas idéias. É que Ilo Martins, o mentor intelectual do jornal, coitado era um viciado.

Eis algumas publicações de "O Pioneiro".

Depois "O Pioneiro" vestiu roupa nova. Foi para a capital. Era impresso nas oficinas de "O Jornal do Comércio". Aí, até a turma da imprensa, como J. Epifânio e João Bosco colaboravam conosco. "O Pioneiro" fez época em Macau. Era no tempo das agitações. Na época surgiu um outro jornal de cunho político-ideológico. Pela manhã, nos domingos, na pedra do mercado, os escoteiros se movimentavam para dsitribuir "O Pioneiro".

Eis alguns dos artigos publicados na época.

ELE

Foi há quatro anos passados.
Um pensamento.
Uma idéia...
Uma realidade.
O povo se movimentou ao primeiro sinal.
Todos colaboraram.
Meninos se transformaram em serventes.
E as paredes foram se vestindo.
Às vezes, quase cambaleava.
Mas logo se levantava e continuava a marcha.
21 de abril.
Foi o dia da redenção para a juventude.
Dia do precursor da Independência do Brasil.
Dia do precursor da Independência da Juventude.
Mas êste não foi martirizado.
Pelo contrário, outros se martirizavam para que ele vivesse.
E a juventude fosse livre. Independente.
21 de abril.
Ele começou a existir.
Abriu suas portas, e se encheu de alegria.

De gritos. De zuada.
E ele foi crescendo!... foi crescendo!...
E não parou mais.
Nem há de parar.
Porque ele representa o futuro.
Porque ele tem juventude.
Quem tem juventude tem vida.
E ele tem juventude.
Hoje, quatro anos de existência.
E ele vai passando por cima de tudo.
Levando a mocidade para frente.
Jogando-a para o prado descampado, para que ela possa correr.
Muitos saem e outros chegam.
E ele continua como o carvalho.
Fincando as raízes na terra, e os ramos ganhando as alturas em busca de luz.

A POLÔNIA IMORTAL

Sousa Junior

Noticiou a imprensa. O Governo polonês se sentiu impotente para impedir as manifestações de alegria que como uma explosão invadiram a Polônia no dia da Ressurreição do Senhor.

Apesar da proibição e da vigilância o povo polonês saiu á rua e as alegrias da ressurreição contagiou os próprios milicianos que se abraçavam e se osculavam no Cristo. Aleluia.

Mais uma vez o povo polonês demonstrou aos seus vizinhos tiranos que não temem os canhões nem a força de seus tanques. Poderão eles destruirem-lhes as igrejas. Jamais a fé.

Foi este o gesto heróico do povo polonês.

Faz-nos lembrar aquele fato histórico dos primeiros tempos do comunismo na Rússia.

Triunfara a revolução. Tivera início o trabalho de descristianização. Era preciso se usar de todos os meios para desmoralizar a religião diante do povo.

Os intelectuais marxistas foram convocados. Era necessário uma desmoralização pública.

Foi lançado um ultimato às autoridades eclesiásticas. Deveriam eles

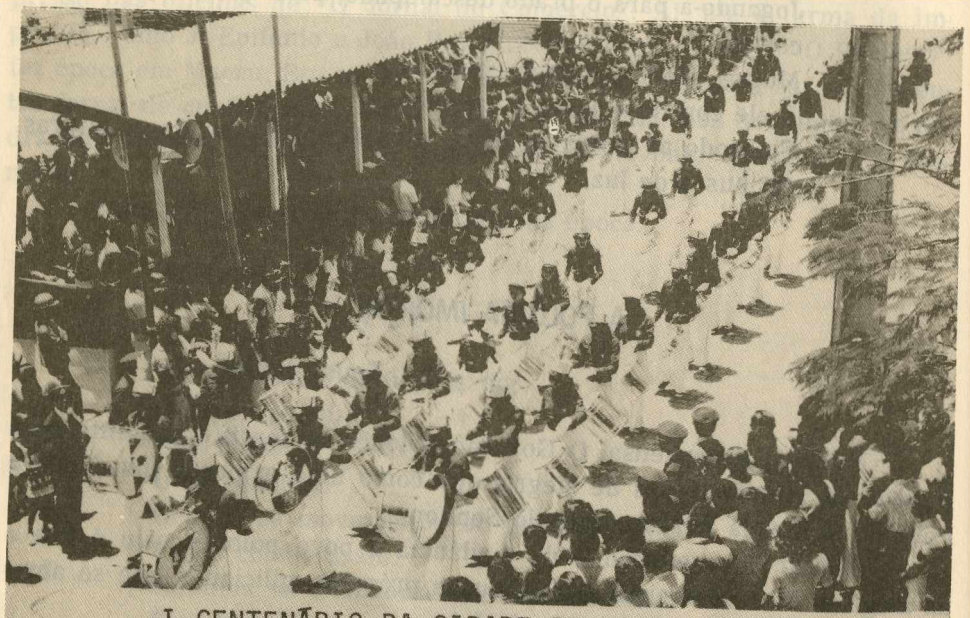
escolher três teólogos de fama para que em praça pública enfrentasse os intelectuais marxistas. Tudo preparado. Os teólogos católicos seriam vaiados.

Os intelectuais marxistas falaram uma hora cada.

Argumentação cerrada.

Nenhuma objeção por parte do clero. No outro palanque, cercadas por policiais, as autoridades eclesiásticas permaneciam em atitude de oração.

FOTO DO DESFILE



I CENTENÁRIO DA CIDADE DE MACAU - 1975

Um verdadeiro mar humano enchia a praça principal de Moscou. Foi dada a palavra ao clero. Silêncio. Um murmúrio percorre a multidão enquanto um grito de revolta acompanhado de um murro à mesa chama a atenção de todos.

— Um humilde cura de aldeia, já vencido pelos anos, trôpego e alquebrado sobe à tribuna.

Benze-se. Olha para toda aquela massa. E sem temer os olhares de fogo dos dirigentes marxistas exclama:

— Irmãos! Cristo ressuscitou!

— Sim ressuscitou verdadeiramente! Foi a resposta da multidão.

E o velhinho desceu — E a onda foi aumentando. Os dirigentes russos, por mais que fizessem, não puderam conter o entusiasmo do povo que se abraçava e repetia a saudação milenar. Ele ressuscitou.

Era domingo de Páscoa. Já fazia alguns anos, o povo russo não ouvia a saudação costumeira em praça pública, anunciando a ressurreição do Senhor.

ELE

Era um menino raquítico.

Acanhado, tímido.

De tudo ele chorava. Pela sua palidez e sua magreza mereceu dos colegas o epíteto de calango.

Mas logo se fez conhecido, pelo Espírito de devotamento, pelo seu interesse pela tropa.

Pequeno ainda, assumiu o controle das finanças da Tropa. Era o depositário das pequenas economias dos colegas.

Sua capacidade financeira se fazia mais conhecida.

Logo veio assumir outras responsabilidades. As finanças do Ginásio. As finanças do Centro Social. A tudo ele estava atento. Econômico ao extremo. Às vezes discutíamos quando se tratava de despesas que ele julgava supérfluas.

Muitas vezes prendia o dinheiro e ia regateando aos poucos.

Pelas suas mãos passaram milhões nesses quatro anos.

Um moço responsável, seus pais podem se orgulhar de possuir um grande filho. Se ele continuar nos propósitos que o orientam na vida, triunfará facilmente. Tem muita força de vontade. Muitas vezes, experimentávamos como combatia as más inclinações e conseguia dominá-las.

A necessidade de continuar os seus estudos o afastou do convívio dos companheiros. Mas ele continuará sempre presente pelo exemplo que deixou.

POEMA DA VASSOURA

X. Y.

Varri meu quarto
e todo o pó dançando
subiu em viravoltas pelo espaço...
o sol que estava à espreita, aproveitando
entrou no quarto com desembaraço...
dourou tudo de luz
gostosamente.

E a confissão lhes parece terrível. Trágica. E a confiança um esforço.

Não queremos entregar. Não queremos subir. Nem descer. Preferimos caminhar na planície. Respirar o mesmo clima. Falar a mesma linguagem. Sentir os mesmos gestos. Usar os mesmos acenos.

Na confidência, o segredo surge. Sem constrangimento. Natural. Como as águas tranquilas. Vivo. Sem rodeios. Mas a confissão e a confiança trazem a marca do sacrifício. Da renúncia. Do heroismo. Da subida. E por isso é exigente. Custa muito. E nos valemos pelo sacrifício. Pela cruz que sabemos carregar.

"Vinde a mim todos que trabalhais e vos achais carregados, e eu vos aliviarei" (Mt. 11,28).

Se trabalhamos, o nosso avanço terá manchas de sangue. Nódoas de suor. Nossa arrancada não será cômoda. Iremos cansados. Carregados. Torturados, pela culpa. Mas, subimos as escadas. E sofrendo, iremos saborear o clima das alturas. A tranquilidade. Um remorso que foi substituído pela graça. Por gestos que traziam o invisível. O transcendente. O eterno. Por isso Santo Agostinho nos ensinou: "Estamos inquietos enquanto não repousamos em Deus". Somente descendo poderemos subir. Descendo como grão que foi pisado. Descendo como a menor das sementes. Descendo para ser árvores. Para dar sombras aos que passam. E as aves do Céu pousar sobre seus ramos.

Confessar, portanto, não é deixar se guiar por outro cego. — (Mt. 15,14).

É chorar ao longo do caminho. É lembrar-se do Pai. É erguer-se. É sair declamando o POEMA DA VOLTA.

ELE

— Para amar e servir a Deus neste mundo.
— É para isto que ele existe.
— Nesta idéia ele moldou toda a sua vida.
Mas não ficou na idéia; ele a vive na realidade.
Amar e servir a Deus.
"Se amamos a Deus, amamos o nosso próximo", diz São Tiago.
E ele assim o fez.
Ama o próximo. Ama como irmão.
É difícil elogiar gente viva. Mas ele não.
Todos o conhecem. Todos o veneram.
Quem não sabe?... época de peste?... Lá ia ele levar a esmola do conforto, lá ia ele matar a fome dos tristes sofredores.
Quem não se sente alegre de o ver ainda hoje?...

Lá vem ele, bastão à mão, no seu andar compassado, batina surrada, breviário do "Padre Eterno".
Seus cabelos são tão brancos como sua alma.
— Abênção, meu padrinho!... — Deus te abençoe, meu filho.
Um sorriso para todos. Aqueles de quem ele batizou o pai ou, talvez, o avô, batiza, agora os filhos.
Mas, para onde vai ele, nessa peregrinação quotidiana?...
Que segredo é aquele que ele esconde com tanto carinho junto ao coração?...
— Para amar e servir, vai ele matar a fome de Deus nas almas dos que sofrem.
E assim ele vai caminhando para a glória.
— (É meu padrinho, nós ainda precisamos de você).
— Mas, como S. Paulo, ele já pode dizer:
— Só me resta, agora, receber a corôa.

ELE

Saiu hoje alegre.
É o seu dia.
O dia do campo.
Ele está hoje com toda a sua vivência.
Está livre. Alegre como os passarinhos.
Seu lar, sua escola, seu templo é a natureza
Ele hoje é dono de si. Só tem um vigia — sua própria consciência.
Só tem uma obrigação — o cumprimento do próprio dever.
Ele hoje viverá em plenitude.
— Como é belo ser jovem!
— Como é belo ter ideal!
E ele é jovem.
E ele tem um ideal.
Neste ideal ele vive
Com o seu ideal ele realiza.
Não é um só. São muitos.
Mas muitos que formam uma unidade.
Muitos que são uma família.
Um homem sonhou, um dia, com esta realidade.
Chamaram-no de louco.
Muito tempo depois, os outros descobriram que o homem tinha razão.
— O jovem é um mundo à parte.

O seu mundo lhe é próprio. E ele só o mostra em quem ele confia.
Por isso hoje ele respira livre com a natureza.
Ele se libertou por alguns instantes.
Vive a imagem dos que alcançaram a liberdade em Deus.

"ONDE ESTÁ O VOSSO TESOURO AÍ TAMBÉM ESTARÁ O VOSSO CORAÇÃO" L.C. 12.33.

Navio no Pôrto
Dinheiro no bolso
Dinheiro cansado
De noites a fio
Sem lar, sem confôrto

DINHEIRO NAS MÃOS DOS HOMENS

Navio no Pôrto
Trazendo no bojo
Cansaço e alívio
Trazendo dinheiro

DINHEIRO PARA MANCHAR AS MÃOS DOS HOMENS

Dinheiro que fica
Cansado.
Rebelde.
Entrando nos bares.
Matando inocência.
Comprando corpos
Que poderia glorificar.

DINHEIRO PARA ARRUINAR OS HOMENS

Dinheiro esperado
Remédio para o doente.
Sorriso para o sofrimento
Mães que choravam
Filhos que passavam fome

DINHEIRO PARA SALVAR OS HOMENS

Navio no Pôrto
Dinheiro no bolso
Que os homens conduzem
Que os homens conduzem

DINHEIRO NAS MÃOS DOS HOMENS

Para manchar
Para arruinar
Para salvar

DINHEIRO NAS MÃOS DOS HOMENS

"Onde está o vosso tesouro
Aí estará também o vosso coração"

TENHO MÊDO

Mêdo?

De quem?
Do céu?
Da terra?

Mêdo?

De quem?
Dos sêres?
dos homens?
Dos anjos?
De Deus?

Mêdo?

— De quem?
— De Nada!...
De nada. De nada. De nada. De MIM!

O LAGO DA MORTE

Belarmino Albuquerque Júnior

A tarde havia sido chuvosa. Entrara na noite
Um profundo silêncio, cercava toda a cidade.
De vez em quando relâmpagos clareavam o horizonte.
Por entre as águas um alegre garoto caminhava.
Tudo para ele era beleza.
Nos seus olhos de criança só via um lindo lago, onde poderia correr e brincar à vontade.
Não sabia que estava passeando pelo "LAGO DA MORTE".
Corre pra cá. Corre pra lá.
De repente não encontra o solo. Caíra em um buraco. Afogara-se.
Fôra vítima de uma armadilha dos homens grandes.
Em seu lar, a mãe aflita chorava pela perda do seu filhinho.
Ele era a alegria daquele lar. O caçula. Todos o estimavam.
Agora jazia no seu leito. Dormia o sono profundo.
O mundo não o mereceu, porque os homens foram injustos para com ele

Em casa, a família enlutada ainda chora.
Não se conforma com seu trágico fim.
De quem teria sido a culpa?
Quem já viu se morrer afogado no meio da cidade?
É preciso que pensem. Reflitam. E trabalhem para que isso não se repita, e para que Macau não se transforme de toda em "O LAGO DA MORTE".

ELE

Bem tinha razão o Pequeno Príncipe.
As pessoas grandes só sabem é atrapalhar a vida da gente. Elas são confusas. Não sabem o que estão fazendo. Fazem cousas de loucos.
— Aí está uma prova.
— Uma mãe que chora.
— O corpo hirto de uma criança.
Era um botão, que apenas começava a desabrochar.

O perfume do encanto infantil.
Era a alegria de todos.
O caçula de uma grande família.
Tarde chuvosa. Água a correr em profusão.

Crianças, bandos de andorinhas esvoaçando. E os seus gritos infantis disputavam "chuchar" das chuvas.
Passarinhos de alegria, a quebrar a monotonia daquele dia.
Ele também gozou. Ele também quis viver.
E foi. Mas os homens são maus. As pessoas grandes não sabem o que fazem.
Uma praça transformada em lagoa.
No centro, a irresponsabilidade, a incúria dos homens.
A morte o espreitava.
Como a corsa inexperiente que caminha para a armadilha, ele caminhou, contente, alegre, para a morte.
Agora estava ali. Frio, enregelado.
Criança inocente. Faces angelicais. Tristeza na terra e alegria nos céus...
Ah, se ele pudesse falar, oh homens, para vos censurar!
Para anatematizar a vossa incúria. Mas ele era uma criança.
Agora é um cadáver.
Mas a sua alma não. A sua alma está em Deus.
Consola-te oh, mãe. O teu filho já está na glória.
Os que lhe roubaram a vida, não lhe poderão jamais roubar esta felicidade.

ELE

Está hoje satisfazendo a um sonho.

Há alguns anos, talvez nem sequer pensasse nisso. Fazer o curso secundário, era privilégio só dos ricos.

Depois, ele, ainda pequeno, viu um Ginásio em sua terra, e sonhou vir estudar nele. Assim ele começou o seu curso primário. Tendo sempre os seus olhares voltados para o futuro.

— Qual não era a sua ansiedade quando via os seus estudantes, moços e moças, desfilarem garbosos!...

Como não se sentia satisfeito, se pudesse estar entre aqueles rapazes e aquelas moças de cara suja, de roupas esmulambadas, numa alegria sem par, de cabeleira cortada no dia do trote? Era um sofrimento é bem verdade. Mas um sofrimento que significava uma vitória. Nessa esperança ele viveu a sua infância. Ele estudou, se esforçou e venceu.

Agora ele está alegre — sou ginasiano. Já estou a caminho da ciência. Como observamos a sua alegria naquele dia.

Era o dia do trote. Ele chegou cedo. Sabia que a parada seria dura. Os secundaristas desejariam tirar desforra. Mas ele se sentia feliz. E estava ali disposto para aceitar a alegria dos colegas.

Chega um, mais outros, vários. Tudo preparado às escondidas. É feita a Reunião. O diretor fala das responsabilidades do ano letivo que vai começar. Recomenda cautela e caridade para com os novos. Retira-se da classe e pronto.

— Água, tinta, lama...

A tesoura entra em funcionamento.

Cabeleiras bem conservadas caem por terra.

Desfilou pelas ruas da cidade.

Depois, foi para casa feliz.

"O MEU INTUITO"

Duas ou três vezes colaborei com o Pioneiro. Os meus artigos foram somente matérias doutrinárias. Partindo de mim para mim mesmo resolvi paralisar com a frequência, no nosso jornalzinho. Atualmente foi-me necessáro mesmo distante de Macau voltar a propagar as minhas idéias.

Muitos dos meus colegas integrantes do G.N.S.C. fizeram-se de "Profetas", isto é: acharam que chegaria o momento em que eu haveria de combater o nosso jornal. Qual o motivo desse intuito, se o jornal simboliza muito para a cidade de Macau? Quando se trata de um satélite que leva a mensagem da fé aos cristãos. Quando representa algo significativo para a sociedade macauense?

Por outro lado, o Pioneiro é um relator dos acontecimentos internacionais. Um jornal que não visa interesses particulares, mas que está sempre a serviço da coletividade a expressar opiniões ou pontos de vista específicos.

Seria errôneo, ridículo para mim combatê-lo. Em última hipótese se ele nada representasse eu, como macauense não tinha esse direito. Afirmo que jamais terei essa intuição. Amo a minha terra. Desejo ve-la grande, bela, enriquecida. Para os profetas, um reflexo do meu testemunho sincero pelos nossas causas.

Natal, 9 de abril de 1961

Ivan C. Montenegro

ELE

À mesa de operação, à cabeceira do moribundo, no palácio do rico ou no tugúrio do pobre, ele desempenha uma missão. Exerce um sacerdócio.

E como não seria sublime se esse sacerdócio — se esta missão fosse mesclada de sobrenaturalidade!

Quem visitar um hospital, não entre e saia, apenas. Observe e medite. Ouça os gemidos dos que sofrem. Veja os restos humanos que lutam pela sobrevivência. Se já tivemos alguém em perigo de vida em nossa casa, devemos ter sentido alguma angústia, alguma incerteza, mas também algum jorro de confiança, quando ele entrava.

Os que sofrem, os que estão nos derradeiros alentos da vida, ainda sentem um anseio de esperança se ele aparece.

Sempre circunspecto, vivendo um mundo próprio naquele instante. Um mundo cuja sobrevivência, depende muitas vezes, de sua atenção e de sua sabedoria. Ele sabe. Naquele momento as esperanças de muitos estão nele. Por que tanta ansiedade, por que tanta apreensão para fazer sobreviver a vida? E enquanto ele tiver meios, deve lutar. Nunca desanimar. Ele poderá ver escapar uma vida de suas mãos. Mas ele sabe. Não foi vencido. Uma força poderosa levou aquela vida que não deveria mais existir para esse mundo.

Ele terminou a sua missão. Empregou o máximo dos seus esforços. Mas compreendeu que a sua técnica e a sua sabedoria têm um limite.

Há mistérios que ele, crente ou incrédulo, não pode ainda decifrar: o mistério da morte. O mistério da vida.

SONETO

(À minha espôsa no seu natalício)

Em vão, tentei fazer para este dia,
Um soneto de amor, que te agradasse.
Que te disesse, o que eu dizer queria,
Dessa alegria, que me vês na face.

Porém, artista, como me pungia!
Tão logo, um pensamento formulasse,
Embora achando a rima, a frase fria,
Fugia-me sem que eu jamais a achasse.

Quase desesperado, novamente,
Um outro pensamento formulava...
Inda uma vêz, a frase indiferente!

E, ao fim de minha luta, nãc me entrego:
Se não posso escrever, o que pensava,
Ao que posso escrever, então, me nego!...

Macau, 6 de abril de 1961

J. Lino Dantas

NACIONALISMO E OUTROS MITOS

J. P.

O Nacionalismo nasceu, como uma reação contra o comunismo. É mística totalitária que tem a nação como ídolo. Como o nazismo tem a raça, o comunismo a classe e o capitalismo o indivíduo.

É uma doutrina filosófica que se opõe, formalmente ao comunismo.

O nazismo ou nacional socialismo de Hitler, se bem que fosse um nacionalismo quanto ao nome era, no entanto, um individualismo racista. isto é a raça que era o principal fundamento da doutrina hitlerista estava personificada com a nação. Como a classe, principal fundamento da política marxista alcança o seu ápice na unificação de todos os proletários, no proletário único. O Estado.

Na evolução político-social que tem caracterizado nossa época é no facismo de Mussolini onde encontramos a forma mais nítida de nacionalismo. Seguido nas suas marchas e contra marchas pelo falangismo, o salazarismo, o estadonovismo e o peronismo.

Não podemos, dentro dos princípios filosóficos, caracterizar os anseios de independência das colônias afro-asiáticas, como nacionalismo. Se bem que esta palavra seja assim abusadamente empregada.

Não se pode negar. O nacionalismo, como totalitarismo, construiu sua mística em torno da nação. Força sentimental, capaz de sobrepujar a classe (mística comunista). E, constituir uma séria ameaça a implantação do regime marxista.

Como os extremos se encontram, e como segundo o marxismo, é moralmente bom, tudo que concorre para apressar a revolução e implantar a ditadura do proletariado, foi útil ao comunismo abraçar o nacionalismo ainda que com o "abraço de tamanduá".

E com ele se identificar.

O que vemos, então, na propaganda nacionalista, alardeada pelos comunistas, não é propriamente um nacionalismo. É uma tática, apenas. O comunismo, envolveu um inimigo, e um dos mais perigosos. Tomou-lhe

as armas e o neutralizou. Hoje luta com as próprias armas do inimigo vencido, para alcançar sua vitória final. Há, entretanto, no seu caminho, algo muito mais perigoso.

Alguém que conhece todas as suas artimanhas, suas táticas e o enfrenta em campo aberto. Está em todo tempo e lugar, porque é ambém uma filosofia universalista, como o comunismo. Contra este, o comunismo, por mais que faça e prometa fazer, nada pode. Porque "As portas do inferno não prevalece contra ela".

GINÁSIO FORMARÁ SUA PRIMEIRA TURMA
Grandes Solenidades Esta Semana

Glória para os filhos de Macau, que ajudaram na formação intelectual desse punhado de jovens.

Macau sente-se alegre com a vitória do seu Ginásio. Vai sair a primeira turma de alunos. Os primeiros, que estudaram no primeiro ano com carteiras emprestadas, com material emprestado. Estudavam e trabalhavam para que o Ginásio continuasse.

Hoje, cantam vitória.

Alegria para os que sabem que concorreram para a vitória do Ginásio. Vejam agora os sócios da C.N.E.G., que os seus esforços não foram improfícuos. Aí está a vitória, vitória do Ginásio.

No dia 7 de dezembro, às 7,30 da manhã, o Sr. Bispo Auxiliar e Pioneiro do Ginásio, celebrará a missa dos concluintes.

A professora Eunice Galvão Montenegro, oferecerá um café aos concluintes.

Às nove horas, será dada a aula da saudade.

Ao meio-dia, o Ginásio oferecerá o almoço da despedida aos concluintes.

No dia 8, às 20 horas, no salão auditório do Centro Social Pio XI, haverá a cerimônia da entrega dos certificados. Falarão diversos oradores, serão executados números de arte pelo Orfeão do Ginásio e acordeonistas da Academia Coração Mascarenhas, do Colégio das Neves.

O Pioneiro circulará em edição especial nesse dia.

CANTO DE PATRULHA

Belarmino Júnior

"SERVIR NÃO É SER VIL"

Às vezes, fecho os olhos para melhor recordar a vida escoteira.

Até onde pode alcançar a memória, são sempre recordações de

aventuras vividas por nós.

Ainda me lembro, do dia em que fomos chamados para ajudar aos flagelados das enchentes.

Ficamos alegres porque sabíamos que o nosso ideal era SERVIR — "E, o homem não vale pelo que é, mas pelo serviço que presta à coletividade".

Eis um princípio, que do ponto de vista social, regula a formação do escoteiro.

Sabíamos que muitos precisavam de nossa ajuda. E, pela manhã do dia 29 de março, partimos para Pendências.

Suas ruas alagadas, mostravam o grande drama, que aquele povo estava sofrendo.

Chegamos a ver, pais de famílias aflitos, porque não tinham com que saciar a fome de seus filhos.

Era triste tudo aquilo. Muitos perderam seus sítios, seus lares, e quem não sabe, as suas felicidades.

O jovem, tinha de ser forte para suportar a tragédia vivida por aquele povo.

Aos poucos, víamos que chegavam mais canoas.

Mais gente atacada pelas águas do Rio "Açu". MAIS GENTE PARA SOFRER.

Mas, não podíamos ficar ali de braços cruzados, a lastimar a sorte daquele povo.

Fomos chamados para ajudar. Precisamos agir.

E, na manhã seguinte, lá estava cada escoteiro dentro de uma canoa a levar víveres para quem não tinha com que matar a fome.

Muitas vezes, passávamos dias viajando para podermos chegar ao nosso destino. Arriscávamos a vida, para servir o nosso próximo e à nossa pátria. Durante o dia ,nos alimentávamos com a farinha da carne que levávamos para ser distribuída. À noite, não dormíamos. Além do frio ser imenso, as águas do rio a nos molhar, fazia com que amanhecêssemos enregelados. Sabíamos que não era difícil apanharmos uma doença, mas não temíamos porque Deus nos protegia na nossa caminhada.

Finalmente, chegávamos ao nosso destino, e, ao anunciarmos o nosso trabalho o povo parecia não acreditar.

Após ser distribuídos os mantimentos, regressávamos e apresentávamos ao Tenente Marom, juntamente com um relatório da nossa missão.

Tinhamos terminado a nossa tarefa. Estávamos alegres. Sabíamos que a vida do escoteiro é cheia de aventuras e sacrifícios, onde o jovem tem por objetivo "ajudar" o seu próximo. Nisto se resume o ideal "escoteiro".

Individualmente — desenvolver-se; socialmente — servir.

Por isso, "SERVIR NÃO É SER VIL".

ELE

Ainda há pouco, conversávamos sobre isto. Todos condenavam. Ninguém pensa que ele possui uma alma.

É sempre um menino perigoso.

— Tenha cuidado! Você vai ver!...

— Ele ainda fará das suas.

Ninguém acredita nele.

E no entanto ele tem vontade de ser bom.

Tinha razão Baden Powell quando dizia: "Não há jovem totalmente mau. Todo jovem tem ao menos cinco por cento de bondade".

E o papel do educador é apanhar esses cinco por cento e elevá-los ao infinito.

No entanto, muitos não pensam assim. Mas ele sabe valorizar aqueles que acreditam nele... Sabe ser amigo. É uma qualidade que ele possui. Mas para muitos ele é sempre o menino perigoso, que é preciso evitar. Que se faz necessário afastar do convívio da sociedade, como se essa mesma sociedade hipócrita não fosse a culpada do seu estado de vida.

Quantos que o iniciaram na carreira do crime!... Quantos que motivaram o sseus pequenos furtos para com eles se deleitarem?

— Te dou dez cruzeiros para tu roubares a caneta dele. — Vai buscar aquela galinha, vai... E ele cresceu, assim, vítima de uma sociedade. Mas agora essa sociedade o abomina. Faz-me lembrar Chessman, menino inteligente, roubando leite da casa do vizinho para alimentar a mãe enferma... Chessman criança expurgada por aquela mesma sociedade que o ensinou a roubar.

Hoje, ele estava à minha frente. Queria falar, mas não podia.

Ele já sabia fazer alguma coisa que não era roubar.

— Pa-pa-pa-pa-pa-pádre e eu já se-se-se-sei imprimir.

— Muito bem. Meus parabéns. Você já sabe fazer alguma coisa na vida.

Quantos outros iguais a ele que vagueiam por aí afora, e apenas, necessitam mais um pouco de afeto?... Mas ninguém se interessa por eles.

E eles vão crescendo, assim de abismo em abismo. E a sociedade culpada olha, indiferente para essa arrancada para o crime.

Mas, nem tudo está perdido, quando a gente sente que há meninos que se sacrificam para resolver os problemas dos outros meninos.

E ele encontrou companheiros que não são os do crime. Encontrou amigos que lhe ensinaram a fazer outra coisa que não era roubar.

Por isso, ele, o desprezado, já se sente um homem.

MARIA

Roosevelt Teixeira

— Você como se chama?
— Eu já sabia
Seu nome é Maria.
No mundo todo
Europa, Ásia, África, Oceania.
Maria está em toda parte.
Na terra, no mar
Também no céu há três Marias

Marias pretas
Brancas
Amarelas
Gordas
Magras
Maria de todo jeito...
Da Glória
Dos Anjos
Da Penha
De Lourdes
De Fátima
Da Paz
Das Dôres

Maria José
Que vem trazendo
Um homem em seu nome.
Desde criança
Alguém acompanha
Maria José

Maria Aparecida
Aparecida com quem?
Maria dos Anjos

E os HOMENS são anjos?
Maria que sofre
Que canta
Que dança
Que reza
Maria que casa
É dona Maria
Que deve ser gorda
Que deve ser pobre
Que vai ao mercado
Que volta sem nada
Maria das Dôres
Que vive sofrendo
— Você como se chama?
— Eu já sabia
Seu nome é Maria.

D. MARCOLINO DANTAS O CRIADOR DE DIOCESES

Luís Xavier

Quem conhece a virtude por excelência do arcebispo do Rio Grande do Norte, a humildade por ele cultivada habitualmente, na ação cristã e profícua com que administra os interesses arquidiocesanos, não lhe atribui, a primeiro juízo, essa aptidão toda sua de criar Dioceses.

Mas alguém que procure aprofundar-se, com espírito de verdadeiro cristão, no exame da vida, dos hábitos e da personalidade desse sacerdote, tão grande quanto desprendido e humilde, que é Dom Marcolino Esmeraldo Dantas, deixa-se possuir de sincera admiração por ele, diante dos fatos que honram e enaltecem o seu ministério evangélico, ao ver como prosperam, para glória de Deus e gaudio da Santa Igreja Católica, as comunidades diocesanas de Moçoró e Caicó, galhos da Videira da Arquidiocese, frutos da ação apostólica do nosso querido Arcebispo.

Vê-se, deste modo, que ele tem sabido imprimir, no governo da Arquidiocese, com a simplicidade e carinhosa firmeza com que apascenta o rebanho que a Igreja houve por bem lhe confiar, elevado e edificante sentido cristão, parecendo pequeno, pouco visto, na sua humildade, enquanto que os seus arquidiocesanos o sentem grande no seu apostolado de caridade e de fé a semear nos campos da alma humana, sem alarde, permanentemente, o "grão de mostarda" do Reino de Deus.

As festas comemorativas de seu Jubileu Sacerdotal, ora promovi-

das pela Arquidiocese, significam, pois, merecida homenagem e uma afirmativa insofismável de reconhecimento da cristandade norte-riograndense aos méritos de sacerdote e virtudes apostólicas de Dom Marcolino Dantas.

E que expressem também a nossa confiança cristã na continuação das bênçãos divinas para que a boa nova evangélica seja sempre levada a todos os recantos do Rio Grande do Norte, se multiplique e ainda mais se afirme, cercando-se a Arquidiocese com a criação de um terceiro bispado, sob os auspícios do prelado virtuoso que lhe superintende os destinos. Essa é a esperança do povo de Macau.

ELE

Pastor e Guia.
É também, pai,
Mais que tudo, amigo.
À frente do rebanho, ele vai o conduzindo para Deus.
Menino, foi o seu sonho de infância.
Moço, realizou-o em plena juventude.
Homem feito, irradiou luz para iluminar o caminho dos outros.
Por isso ele hoje sorri.
Ao Deus que alegra a minha juventude.
— "Se o homem quiser não envelhece!"
—.E ele não envelheceu...
— Os anos se passaram.
— Muitas luas correram.
As rugas lhe advieram às faces.
Os cães lhe ornaram a fronte.
Mas ele continuou dizendo:
Ao Deus que alegra a minha juventude.
Quem entende? Contradição?... Absurdo?...
— O Cristo vive nele. E o Cristo não envelhece.
— Deus não envelhece.
— O portador do Cristo não pode envelhecer.
Por aqui!... Por ali!... Não é este o caminho!...
Acertou agora!...
Só eles entendem. Muitas vezes não o quiseram compreender,
Mas, logo perceberam: era a voz da graça.
Hoje, 50 anos de juventude
Ao Deus que alegra a minha juventude!
Em torno de si uma coroa. Uns mais velhos, outros mais jovens

Ainda, aqueles, quase crianças... Mas em côro repetindo
Ao Deus que alegra a minha juventude.
E ele está feliz.

O CRISTO VIVO

Pe. José Luís

O sacerdote no Cristo não foi um acidente. Um acréscimo na sua vida.

O Verbo se fez homem e habitou entre nós para ser único mediador (1 Tim. 2,5) prestando ao Pai, em nome de toda humanidade resgatada o culto em "Espírito e em verdade".

O sacerdócio pertence, portanto, à natureza humana do Cristo, e Santo Agostinho diz formalmente: "Enquanto nasceu do Pai, Cristo é Deus não sacerdote. É sacerdote pela carne que assumiu, pela vítima a oferecer que recebeu de nós".

Assim sendo, o Sacerdócio do Cristo teve o seu inicio no tempo.

A definição que São Paulo nos dá é muito precisa. "Temos um grande sacerdote com a plenitude dos méritos que penetrou nos céus: — Jesus, o Filho de Deus".

Só há, portanto, um Sacerdote: Cristo. E Ele permanece "sempre vivo para interceder por nós" (Heb. VII, 25).

* * *

Cristo quis continuar-se. Quis prolongar-se nos homens. NELE tudo vai se reunir. Vai se completar. Seu sacerdócio e seu sacrifício históricos prolongam-se pelo seu sacrifício e pelo seu sacerdócio sacramentais.

Em FAITES ET SAISONS, li certa vez:

" padre é um sacramento vivo.

Assim como a água do Batismo é simplesmente água, mas nos restitui a filiação divina, assim como o pão e o vinho da Missa não eram antes mais do que pão e vinho, e agora são o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim o Padre é um homem como os outros homens, um nosso conhecido, talvez, de quem conhecemos os pais e parentes, as virtudes e as fraquezas, e entretanto por sua consagração tornou-se sacramento do Cristo: revestiu-se de uma personagem nova, foi marcado por um caráter especial.

Ele é entre nós o CRISTO VIVO".

SAUDAÇÃO

Dom Marcolino, nós sabemos que sois amigo das crianças. Queremos fazer-vos esta saudação lembrando-nos das palavras de Jesus: "Deixai vir a mim as criancinhas". Jesus tinha uma certa maneira de tratar as crianças.

Certa vez, Ele se encontrava com seus apóstolos quando foi se aproximando um grupo de crianças. Eles ordenaram para que elas se retirassem. E Jesus disse: "Deixai vir a mim as crianças porque delas é o Reino dos Céus". E elas lhe rodearam mais satisfeitas com aquelas palavras.

E assim, D. Marcolino, vós que completais 50 anos de vida sacerdotal nós crianças de Macau queremos render-vos nossas homenagens pedindo a Deus que vos conceda muitos anos de vida e felicidades. Todos os dias rezamos a Oração do Catecismo, cheia de amor às crianças. Quem fez aquela Oração? Disseram-me que foi D. Marcolino.

Por isso, nesta saudação, seguem os parabéns das crianças da terra das salinas.

Neuma Pinheiro

O AMIGO DA JUVENTUDE

Jonathan Miranda

Está sendo comemorada grande festa na capital do Estado.

O Jubileu Áureo de D. Marcolino. Aquele que apesar de sua velhice está sempre em contacto com a mocidade através de seus escritos sobre tudo. Aquele que tem feito o maior esforço pelo nosso Ginásio e Escola de Comércio; que fundou colégios e muitas outras obras de formação da juventude.

Como ministro da Igreja, sabe realmente pregar aos irmãos a palavra da fé, a palavra da santificação. Sempre amou a nossa terra. Macau é a cidade que conta com 3 padres enviados por D. Marcolino, porque quer ver nossa terra uma fraternidade cristã divinamente constituida.

Que alegria, a celebração de 50 missas tudo de uma só vez, na intenção daquele que ordenou vários desses celebrantes!

D. Marcolino sente as nossas necessidades e os nossos esforços.

Portanto, D. Marcolino, nesse dia tão feliz e cheio de graças, pedimos ao bom Deus para que Ele lhe abençoe e continue sendo o AMIGO DA JUVENTUDE.

DOM MARCOLINO — O LITERATO

Laércio Medeiros

No ano de 1929, a Bahia nos enviou um dos seus mais ilustrados filhos, na expressão admirável de Dom Marcolino Dantas. Nós não sabemos o que mais nos encanta sobre o aspecto literário deste grande bispo, se a poesia ou a prosa. No que se refere a poesia, o Dom Marcolino possui estilo suave, que muito se assemelha com a Escola Baiana. Assim sendo, o nosso homenageado herdou um pouco, do que existia de melhor no estilo literário das figuras mais expressivas da intelectualidade baiana. Sua adjetivação é muito elegante e pessoal. Se é que o estilo faz o homem, nosso arcebispo é uma figura ímpar. Seus discursos, são pronunciados de uma forma académica. Seus trocadilhos, são líricos e famosos. E atualmente nos círculos mais intelectualizados do Estado nunca falta um trocadilho do Dom Marcolino. Este estilo literário identifica um homem de letras que deve ser seguido.

DOM MARCOLINO — O MÚSICO

Segundo definição mais sintética, a música é uma arte abstrata, imaginativa.

É na música que a intuição tem uma ação mais intensa e mais pura, a inspiração, porque a criação musical não se firma em nada material nem concreto. O músico nunca ouviu, fora de seu interior, melodias ou harmonia que pudesse copiar para realizar sua obra. Tudo nasceu e se construiu em seu íntimo. Tudo é pura criação de seu espírito.

Os grandes musicistas as idealizavam, as compunham. Nela deixavam transparecer a sua vida. Suas emoções. Seus sentimentos. Tudo contido nela. Cada um tinha seu estilo. Seu modo divergentes. Chopin, Beetroven. Liszt. Wagner. Nenhum se coincidia. No entanto nos compassos, nos rítmos, ao som dos instrumentos criaram uma só arte, perpetuada até nossos dias. Os sábios, os homens de instrução tinham na música um complemento de sua cultura total. Cultivavam. Imortalizavam-na. Conservaram através dos tempos trazendo ao nosso conhecimento.

E destes ainda há muitos. Mesmo próximos a nós. Pertinho. Enfrentando os anos, quebrando as cadeias da velhice, surge aquele que, outrora, dedicou parte de sua vida aos sons. As melodias. Moço ainda, já era entusiasta da música. Durante o tempo de seminário foi regente da Banda. Muito conhecido na Bahia. Certa vez, (já era cônego), achava-se numa paróquia. Tinha ido visitar o vigário, seu grande amigo. Encontrou-o

aperriadíssimo. Interrogando-o soube que as cantoras tinham feito greve para não cantarem a missa que ia ser celebrada. Sozinho, sentiu-se ao harmônio e, acompanhando, ele próprio cantou. É grande admirador da arte. Mas não é só. Toca vários instrumentos e compõe. Seus hinos, dobrados, músicas religiosas são conhecidíssimas em toda parte. Suas músicas se diferem das demais. Tem um caráter específico. Quem não as conhece? Lembro-me ainda. Achava-me mais perto dele. Não faz muito tempo. Pude ouvir e até cantá-las. TE DEUM, a SALVE RAINHA, TANTUM ERGO, harmonias que convidam ao recolhimento, à oração. Melodias que elevam o espírito para Deus, expressas na precisão dos acordes. Nos rítmos ora fortes, apressados, ora pianos e lentos. O hino do Seminário de S. Pedro traduz em sua cadência firme o propósito de jovens idealistas, patriotas e dedicados. Convencidos da grandeza de seu país, confiantes na recompensa de seu esforço. Em todas, um marco especial. Nunca imitado.

Hoje arcebispo , pastor responsável pela seu rebanho. Dom Marcolino continua ouvindo com a boa audição de que é dotado os sons de suas melodias que se perdem ao espaço e se espalham pelo infinito enaltecendo-o, proclamando a grandeza de um homem culto, de um gênio da música porque S. Excia. na realidade o é.

CONHEÇO AS MINHAS OVELHAS

Pe. João Penha

Nos campos da Palestina, constroem currais de pedras sobrepostas, à maneira dos cercados de pedra do nosso sertão.

Há, ali, apenas uma passagem por onde entra o rebanho. Naquela passagem, estende-se, ao chão, uma pele. Ao lado, uma fogueira. O cão amigo fiel está vigilante. Ali se senta o pastor tocando uma flauta para identificar às ovelhas a garantia de sua segurança.

O Bispo desempenha na Igreja de Deus o papel de Pastor. — Ele guarda o rebanho de Cristo. — "apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas".

No cerimonial da sagração episcopal a Igreja diz que o Bispo está à frente para reger o rebanho de Deus.

O Rebanho de Deus é a Igreja de Deus. — O Corpo Místico de Cristo. — O Bispo tem, portanto, poder de chefe sobre o Corpo Místico de Cristo. Este poder lhe advém com a sagração episcopal.

Ele é o guia que mostra às almas o verdadeiro caminho que leva às pastagens da eternidade.

Costumamos dizer que o sacerdote é um outro Cristo. Do Bispo, poderíamos dizer que ele é o Cristo, Doutor e Rei, que conduz o povo de Deus para a felicidade eterna.

Como Pastor da Igreja de Deus ele recebe de seu fundador para desempenhar sua missão, todos os poderes de seu sacerdócio e de sua realeza.

Enquanto o padre participa do sacerdócio de Jesus Cristo, o Bispo recebe o sacerdócio em toda a sua plenitude.

Como chefe da Igreja ele exerce seu poder santificador sobre sacerdotes e fiéis; ensina as mais profundas verdades cristãs, até mesmo aos perfeitos. Sua missão é levar a Igreja à perfeição.

Quando ele fala, quando ele age, fala como Cristo, age como Cristo. "Já não vos chamarei servos, mas amigos" (Jo. XV, 15) cerimonial da ordenação sacerdotal. — Ide e ensinai.

É o bispo, o núcleo de onde o Cristo irradia toda a ação santificadora sobre as almas.

É ele a quem compete defender a integridade da fé. É ele quem distribui as fontes de santificação: os sacramentos.

Sua missão se estende através de seus auxiliares imediatos, os padres.

Daí os atos dos padres, que dizem respeito ao governo da Igreja, só tem valor eficaz para a santificação das almas, quando eles estão ligados ao Bispo.

Pastor, Chefe, Guia, Pai. Como Pai, ele ama ternamente seus filhos e por eles entrega toda sua vida. — Ele não é o Cristo?... O Cristo se sacrificou por nós. O Bispo é o continuador do sacrifício do Cristo para a redenção de sua Igreja.

Por isso ele está em toda parte: quando nasce um novo cristão nas águas salutares do batismo, quando na confissão recuperamos a vida da graça perdida pelo pecado. Ele nos serve a mesa quendo nos alimentamos do manjar celeste. Ainda é ele quem determina a nossa maioridade espiritual e nos arma com o "escudo da fé" para a militância. Se o corpo desfalece pondo em perigo a resistência da alma, ainda é ele que com novas energias nos robustece e anima. Para que possa, realmente estar presente em tudo e em todos, ele impõe as mãos a alguns e os envia em seu nome — Ide.

Finalmente, para que possa garantir o crescimento da Igreja, ele se faz presente na construção dos novos lares.

Eu conheço as minhas ovelhas.

— À porta do aprisco, o bispo está vigilante para defender seu rebanho.

— E as minhas ovelhas me conhecem.

Estejamos portanto, atentos à voz do Pastor para que o possamos seguir até os pastos de Deus.

DOM MARCOLINO E A JUVENTUDE FEMININA

Magali Santos

Ninguém desconhece o papel de D. Marcolino na formação da juventude feminina. Desde que chegou em Natal procurou formar esta juventude para que fosse mais tarde a garantia da sociedade.

Sabia que a educação do lar dependia das mães e dando-lhes a formação cristã elas a passariam para suas filhas.

Procurou então trazer freiras para a sua diocese, para fundar colégios religiosos.

O Colégio das Neves, por exemplo, foi ele mesmo quem o planejou. Arquiteto da cidade de Deus. Arquiteto da cidade dos homens. E a nossa Macau também foi beneficiada. D. Marcolino não a esqueceu. Pensou na grande quantidade de jovens macauenses sem educação, sem formação cristã.

Enviou-nos um padre que com grande força de vontade fundou o Ginásio Nossa Senhora da Conceição.

Reuniu a juventude. Queria também garantir a sociedade de amanhã, dando-nos a educação religiosa de que necessitávamos.

Devemos tudo isto a D. Marcolino. Ele é como o núcleo girando em torno de todos os satélites que são os padres, a juventude, os cristãos.

Enfim, pode ele dizer como o grande poeta latino: "Na verdade construi um monumento mais perene do que o bronze (que não é senão a juventude cristã)".

D. MARCOLINO O POLÍTICO

Brizola

Ao ensejo do transcurso de 50 anos de sacerdócio de D. Marcolino Dantas, queremos, neste trabalho, tecer alguns comentários sobre a sua atuação no campo político.

Para muitos parecerá paradoxal tais considerações, isto porque, afeito tão somente às lides de seu ministério, sua Excia. nunca se dedicou à política como tal, não tomando parte ativa nas diversas lutas que empolgaram o nosso Estado.

Ademais, cônscio das pesadas responsabilidades que pesam sobre os seus ombros, não lhe seria possível militar na política, sem prejuízo de sua alta missão de Padre e de Bispo.

Mas é preciso que se saiba que à semelhança do homem comum, o padre "é um animal social", sendo-lhe facultado participar de todos os movimentos que visem a melhorar as condições de vida da humanidade. Eis porque, às vezes, quando necessário se fazia, ele excursionou pelos bastidores da política, conseguindo, às mais das vezes, com a sua peculiar habilidade com o seu acendrado amor de pastor, solucionar satisfatoriamente vários problemas de interesse do nosso povo. E tanto é assim, que se tornou amigo pessoal e político do imortal Presidente Vargas e do ex-interventor Mário Câmara, chegando a manter correspondência com ambos.

Dessas amizades resultaram, além de outros benefícios, o perfeito entrosamento dos poderes Temporal e Espiritual, graças ao qual muito tem lucrado não só o Estado, mas também a nação.

Aí está uma ligeira apreciação sobre esse aspecto da vida do insígne Prelado, que se outros méritos não possui, sob suas facetas partidárias, tem o de ter sabido, ao longo de seu apostolado, aproximar o político de Deus.

D. MARCOLINO, O POETA

Ilo Martins

Sempre que o dia surge, sempre que aparece
O sol que doira a terra e a imensidão do espaço,
Livre de enfados mil, livre de mil cansaços
Quer em versos ou prosa faz a sua prece.

Nunca se ouviu dizer que um ligeiro embaraço
Turvasse a inspiração que a vida lhe oferece
E na pauta em que escreve, e que lida enternece
Encontramos cadência, beleza e compasso.

Deus, por certo, dotou-o de alta inteligência.
E disse-lhe a seguir: — "Toda a tua existência
Há de ser luminosa, clara como o dia..."

O milagre se deu. E em seus perfeitos cantos
Não se nota sinal de lágrimas, de prantos.
Apenas, a beleza... as rimas... a poesia...

Macau, 29 de outubro de 1960.

CANTO DE PATRULHA

Belarmino Júnior

Esta página é sempre relacionada ao escotismo e para o escotismo. Eu agora estou numa grande "sinuca". Os que fazem "O PIONEIRO" exigem que eu escreva sobre Dom Marcolino.

Eu não o conheço, nunca ouvi sua voz, mas pelo que sei, o que ouço, ele é um verdadeiro chefe.

Assim como o monitor tem autoridade para seus escoteiros ele tem superioridade hierárquica sobre os seus ministros.

No escotismo, o chefe tenta fazer do jovem, um verdadeiro cidadão do futuro, aproximando-lhe sempre da vida ao ar livre, em contacto com a natureza.

Na igreja o bispo envia seus ministros para conduzirem os homens ao verdadeiro caminho, orienta-los durante seu trajeto, fazer chegar até ele a luz da verdade.

A fama de sua piedade e de sua abnegação ecoou até nós, não nos sendo, portanto, desconhecida a auréola de santidade que lhe nimba a fronte.

É V. Excia. Dom Marcolino o portador não só de palavras divinas, mas o exemplo vivo das virtudes cristãs.

Nesse grande dia, façamos a sua Excia. verdadeiro chefe, verdadeiro guia, a nossa homenagem, a nossa obediência e a nossa submissão.

UM SEMPRE ALERTA, E QUE DEUS SEMPRE ESTEJA COM O ARCEBISPO NOSSO CHEFE.

UM HOMEM NA FRONTEIRA DA SANTIDADE

Américo de Oliveira Costa

Monsenhor Honório está completando suas bodas de diamante de ordenação. E é uma dádiva do céu a sua presença entre nós, como exemplo,

como testemunho da dignidade e da elevação do sacerdócio exercido com humildade, abnegação, paciência e amor.

Há dez anos, na nossa bem-amada cidade de Macau, tive a felicidade de assistir-lhe à celebração das bodas de ouro. Meu padrinho e meu amigo, recordo a emoção e a alegria com que lhe fui, então, beijar as mãos, — mãos sagradas que, um dia, há tantos anos já uniram as de meu pai e minha mãe pelo sacramento do matrimônio. Mas o velho padre continua, — Deus lhe deu um grande crédito de vida, — abençoando gerações após gerações, — espiritualizando-se através do tempo, superando-se das contingências humanas, alcançando, pela bondade, pela pureza, pelo desinterêsse das coisas materiais, as próprias fronteiras da santidade.

Quando penso em Monsenhor Honório, como agora acontece, sempre me ocorre aquele final do poema de Manuel Bandeira, "Irene no céu".

Como no verso do poeta, imagino o dia, certamente muito distante ainda, em que o querido sacerdote há de comparecer às portas do paraíso. E lá estará a figura paternal e serena do velho chaveiro, do eterno São Pedro, a dizer-lhe, com afetuosa simpatia: "Entra, Honório. Você não precisa pedir licença".

CHEIAS DE LUAR

J. L.

Você já respirou a poesia das salinas? E viu o pôr do sol surgindo das águas? E as pirâmides enfileiradas? De mãos postas, prontas para rezar e sorrir para o sol?

Se você não fosse tão cerebral, se os números não tivessem invadido seus movimentos, ou ainda você soubesse cativar os caminhos, eu o convidaria para ver as salinas rezando. Brancas, simétricas cheias de luar e de silêncio. Hirtas como a fé. Vestidas de branco para renovar as promessas do seu batismo. E elas não nasceram das águas?

Vieram os homens. Industrializaram o sal. Mecanizaram-no. Esmagaram a poesia. Trucidaram as salinas. Não há mãos sangrando, nem pés rangindo. Nem alma, nem sangue, nem divindade. Nem homens transmitindo sofrimento porque eles foram substituidos. E se o sal perder a sua força, para que servirá? "Vós sois o sal da terra".

Dispersaram a grande multidão. Desapareceu a marcha para a brancura das salinas enfileiradas. Tranquilas. Cheias de Luar. Ficou o moinho nostálgico, fazendo queixas em surdina ao vento que vai passando. Lamentando as máquinas que se aproximam. Sem poesia, sem luar, sem

fé, nem sorriso. Porque distante dos homens o capital tirano, ganancioso, monopolizador, parece ter se transformado numa grande estátua de sal às portas de Sodoma.

O SANTO DAS SALINAS

Padre José Luis

Elogiar quem ainda vive é sumamente perigoso. Porque nossa contingência nos esbarra sempre no imprevisível. Somos limitados e nossos limites estão sempre sujeitos aos salpicos do caminho. Você não viu aquele homem em quem um muro de lamentações. Pior ainda tanto você confiou? Tornou-se para você por que você confiou tanto em você mesmo, em suas forças, em suas resoluções? Agora, assiste aterrorizado a resposta de seu fracasso.

E assim, você e eu poderíamos debulhar um rosário de defecções, De negações imprevistas. De surpresas terríveis que desafiam a ingenuidade dos incautos. Estamos, portanto, suficientemente prevenidos quando escolhemos um homem para fazer seu panegírico e apresentar seu perfil de santo dos que viram nos seus olhos o reflexo da fé. E faremos habitados de tranquilidade. Com ele convivemos. E participamos de seu itinerário.

Faz precisamente 60 anos que batisa e celebra. Que se imola e continúa o mistério da redenção. Porque está plenamente convencido que a incarnação do verbo não terminou ainda.

MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA tornou-se em Macau uma presença. Presença-renúncia. Presença-roteiro. Presença-presença. Seu nome é repetido como coisa sagrada. Dele se dizem coisas que vão se tornando lendárias. É padrinho de vinte mil cristãos sem contar os que já se foram e os outros que deixaram a brancura das salinas. E todos, para meu "padrin" Joaquim Honório serão sempre carinhosamente "azêdos". Gosta de pronunciar algumas palavras alemães misturadas com russo ou dialeto oriental. Jamais se ouviu dizer dele um gesto que não fosse uma mostragem de pobreza evangélica. Cabelos brancos como as pirâmides de sal. Monsenhor Honório já batisa os bisnetos daqueles que ele batisou.

No próximo dia 9 Macau está em festas porque o santo das salinas comemora as BODAS DE DIAMANTE SACERDOTAIS.

ILO MARTINS

Ilo era uma inteligência de escol. Poeta nato, impressionava a todos quando com apenas o curso primário fazia belíssimos poemas. Muitos de

seus poemas se perderam.

Era um bom rapaz, mas infelizmente preso pelo vício da embriaguez. Tudo fizemos para recuperá-lo mas em vão. Ilo morreu ainda jovem, vítima de seu vício.

Numa homenagem toda especial, deixamos aqui alguns de seus poemas.

VOLTA

Aqui no peito meu vive guardada
A chorar tristemente todo dia
A saudade dos beijos do passado,
Que a sorrir eu sonhando te pedia.

Tentei te desprezar, mas foi-me inútil
Não pude um só momento te esquecer!
Mulher do meu amor! ninfa dos sonhos,
Sem ti, deixo de amar... melhor morrer.

Quis joga na tua alma de donzela
Aquilo que sonhando conquistei:
Versos, estrelas, flores encantadas.
Até minha alma triste, te entreguei.

Em vão foi meu esforço... foste embora
Eu não chorei, mas padeci calado.
E solitário eu vivo entristecido
Tendo no peito um grito agoniado.

Volta, donzela, eu te desejo ainda!
Volta, donzela! Inda te quero amar
Vamos cantar, sorrir à branca espuma
Das verdes e gentis ondas do mar.

Volta, donzela! Vamos pelo mundo
Unidos por um beijo de poesia
Cantar quando romper as noites calmas
Sorrir quando surgir a luz do dia.

Volta, donzela! vem num beijo ardente
Amar-me relembrando o meu passado

Que eu te direi: donzela dos meus sonhos
Sou teu poeta e triste apaixonado.

20/02/57

O Poeta da solidão é o mar
O trovador tristonho é o vento
E a vaga do destino é Deus.

Fevereiro-1957

SOLITÁRIO

Solitário do amor! Pega na lira e canta
Um hino que alivie a dor do teu tormento!
Não sejas triste assim! Esquece o sofrimento!
Procura um outro amor, — uma amizade santa!

Por que sofres assim? Contempla o firmamento!
Contempla o céu azul! Quanta alegria... Quanta!...
Repara o velho mar! Tanta poesia... tanta!...
Por que sofres assim? oculta o teu lamento!

Esquece o teu passado, e pensa no futuro;
Sossega o coração que vive pelo escuro,
A chorar sem amor, sem paz, sem alegria...

E afoga a tua mágua, pobre e dolorida
Num seio aquecedor de luz desconhecida,
Ou no seio de amor, das rimas da poesia!

12/12/56

SONETO

O poeta é o amante da poesia,
É o Raio que flameja o firmamento:
A luz do amor, o sol do pensamento
E a taça da tristeza e da alegria

Vôa sozinho, às vezes, como o vento.
Do mar contempla a límpida harmonia.
Vive a chorar e sofre todo dia
E solta às solidões o seu lamento:

Sente no peito ardente, a todo instante
A essência sideral e inebriante
Das doçuras mortíferas do amor.

O poeta, é todo aquele que sozinho
Canta e embala no peito o seu carinho;
Para esquecer cantando a sua dor.

11/02/57

TRISTEZA

Silêncio... solidão... pesar profundo...
Tristeza de quem ama e que padece.
Eu sinto em mim um val igual ao mundo
Rolando pelo espaço em que se aquece.

E nesta triste e vagarosa lida
Eu penso às vezes que meu coração
É como um morto que na solidão
Deixou o mundo e já não tem mais vida.

Minha tristeza me domina, e tanto
Que baixo os olhos para o chão e vejo
Tristeza escrita, como se um desejo
De viver triste fosse o meu encanto.

E sabem, meus amigos, quem fez isto?
Que tenho n'alma e que se chama dor?
É um segredo que quem sabe é Cristo.
É o que sofre um coração do amor.

06/12/56

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Casta Santa de Deus! E, vós eu penso ufano
Versejando a cantar a vossa festa pura!
Ó Senhora do céu, com límpida doçura
Conheceis, pela vida, as ondas do oceano!

Neste barco que andais não vive o desengano,
E sim, do olhar de Deus, a rosa da doçura.
Não pinga em seu convés as gotas da amargura
Que vive pela terra, sobre o corpo humano.

Alvas velas ao vento, sem nenhum embargo
Pelas vagas do mar altivo e temerato!
Tudo é doce em seu rumo... Nada enfim amargo

E assim vós vivereis envolta em lindo véu
Contemplando a sorrir, um rumo cintilante!
Ao embalo suave das ondas lá do céu.

18/08/1956

O PERDÃO DO CRISTO

Ilo Martins

Existe neste mundo em que vivemos,
Desde a remota pedra ao mais moderno
"Sputinick", um ser que nós não vemos,
Chamado o Grande — o justo Pai Eterno:

Há séculos andou, bem sabemos,
Entre os humanos; conheceu o inferno,
Subiu ao céu depois; e doce e terno,
Por lá ficou, pois não o merecemos.

A Bíblia muito conta a seu respeito;
Diz que os homens cravaram-lhe no peito
Uma lança e Seu Sangue derramado,

Tocando os olhos de um dos que o feriam,
(Era cego e coitado) os olhos viam,
Viam Jesus que o tinha perdoado.

O HINO DO GINÁSIO

O Ginásio caminhava. A turma animada. As festas juninas já constituiam uma programação da própria comunidade. Mas a turma começava a reclamar um hino para o Ginásio. Um dia recebí um chamado do Bispo a Natal. É que eu deveria deixar Macau para assumir a capelania da Aeronáutica. Eu já começava a querer bem a Macau, embora ficasse muito contente com a nova função que iria assumir. Foi quando, no sentido de deixar uma lembrança para o Ginásio veio a idéia de compor esse hino:

HINO DO GINÁSIO

Nesse oásis de luz, de alegria,
Brotam vida, ciência e saber,
Como a aurora a raiar cada dia.
Nosso lema é lutar e vencer.

Companheiros, marchemos unidos.
Nossa Pátria aí está a sorrir.
Pois já ouvimos do mar nos bramidos
De esperança ela em anseios surgir.

A semente lançada na terra,
Já brotou, já cresceu, já floriu.
O seu fruto esta gleba já encerra
Do trabalho e do estudo fulgiu.

Juventude no seu céu de anil,
Deus da Pátria o destino traçou.
Sois o sal, preservai o Brasil.
Ele mesmo por vós esperou.

Vossa glória será sua glória,
Vosso nome será galardão.
Pois se é a Pátria que vive na história
Sereis vós seu valor, seu brasão.

Sem dizer nada eu ensaiei o hino com a turma do orfeão. Seria o meu adeus. Houve, no entanto uma reação muito grande, da parte de alguns padres da capital junto ao bispo para impedir minha nomeação à capelania da Aeronáutica. D. Marcolino teve que modificar sua idéia. Chamou-me novamente a Natal e disse que infelizmente, por causa da reação de alguns padres tinha que modificar seu pensamento.

Fiquei, deveras chateado. Mas voltei para Macau e continuei o meu trabalho. Hoje eu agradeço muito a Deus por não ter sido nomeado capelão militar.

A ESCOLA DE COMÉRCIO CÔNEGO LUIZ MONTE

Com o seu horário matutino e vespertino, o Ginásio caminhava. Havia no entanto, mutios jovens que desejavam estudar, mas trabalhavam durante o dia. Surgiu então a idéia de fundarmos uma Escola de Comércio. Dr. Laércio de Medeiros, foi o grande incentivador e o colaborador máximo desta idéia.

Aí já houve mais facilidade. Entramos em entendimento com a Inspetoria de Ensino Comercial, com a intenção de fundarmos o curso de Auxiliar de Escritório que posteriormente se ampliaria no Curso Técnico de Contabilidade.

Foi designado para fazer a verificação prévia do prof. Manoel Leonardo Nogueira, de Moçoró. Aí tudo foi mais fácil. Além do alto espírito altruístico de Manoel Leonardo, uma equipe da comunidade ficou logo formada para lhe dar cobertura. Além do Dr. Laércio como elemento fundamental havia ainda José Bezerra, Geraldo do Cartório, Brisola, etc.

Manoel Leonardo tudo fez para que a Escola de Comércio funcionasse logo. Dr. Laércio foi o seu primeiro secretário, sem nada receber. Ele dedicava o máximo de seu esforço para o progresso da Escola. Além disso era também professor de Geografia.

DR. LAÉRCIO

Não poderíamos deixar de apresentar nessas reminiscências a figura desse grande macauense que é o Dr. Laércio Medeiros. Reconhecemos a cooperação que ele nos deu, não só no colégio, mas principalmente no

Centro Social Pio XI, como advogado dos injustiçados, e principalmente como advogado dos operários sem nada cobrar.

O PRIMEIRO RELATÓRIO DE ATIVIDADES

Este relatório foi lido na primeira sessão comemorativa do primeiro aniversário do Ginásio.

RELATÓRIO DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE ABRIL DE 1957 A MARÇO DE 1958

Ao iniciarmos o relato de nossas atividades elevamos ao Criador os nossos agradecimentos, certos de que Ele é a nossa força e o nosso sustento, a luz que ilumina os nossos caminhos.

Sem Ele nada podemos fazer "sine me nihil potestis facere".

Um ano de atividades, um caminho palmilhado de dificuldades, onde, nem sempre encontramos os perfumes das flores. A terra às vezes se manifesta com a aridez característica do sertão nordestino onde pedregulhos entulham a nossa marcha; outras vezes espinhos ponteagudos que nos faziam sangrar.

Diante, porém, das responsabilidades que assumimos perante Deus e os homens, olhávamos para a sua Cruz, onde o Crsito nos significava estímulo. Enquanto ressoava ao nosso ouvido aquele código de força que a juventude muitas vezes nos repetia: "O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades".

É que na própria juventude, sempre pronta a atender às nossas solicitações e acatar os nossos ensinamentos encontravamos o signo para não desanimar na luta.

Mas nem tudo são maravilhas. E como diz o sábio filósofo brasileiro Farias de Brito: "Não há alegria que não pague pensão à tristeza". Nós também tivemos o nosso tributo, naqueles que vimos prejudicados; mas se assim foi, maior foi a nossa alegria pelos que saíram vitoriosos.

Parabéns aos que se esforçaram. E nossa palavra paternal de conforto e incentivo aos que se prejudicaram. Eles não se devem julgar derrotados; pelo contrário: tiveram mais uma lição a aprender na vida.

ALCANÇAMOS O QUE PROCURÁVAMOS

A nossa finalidade aqui, não é apenas formar mitos intelectuais. A nossa finalidade, aliás, conhecida perfeitamente, com a finalidade da Escola

Secundária, segundo a concepção da didática moderna. A nossa finalidade é formar para a vida.

E nisto convém dizer que se satisfatórios foram os resultados no que conserne ao campo intelectual, maiores ainda foram estes quando chegamos ao terreno próprio de nossas atividades educativas.

Terminamos o ano vendo uma juventude mais idealista, uma juventude que já começa a se angustiar pelos problemas dos de sua idade, que procura os seus mestres como a amigos sinceros à cata de soluções para os seus próprios problemas.

E houve aqui, realmente, este intercâmbio fraternal entre professores e alunos. Houve o que tanto é reclamado pela pedagogia moderna: esta franqueza respeitosa e amiga entre corpo docente e o corpo discente do nosso ginásio.

Durante duas ou três vezes, apenas, em um ano de atividades e isto mesmo a pedido da maioria dos alunos, tivemos que intervir diretamente, em casos disciplinares, com um ou dois elementos isolados, e convém dizer: do turno masculino, o que atesta muito bem a boa disposição de todos.

Meus parabéns, portanto aos alunos do Ginásio.

OS PROFESSORES

Não há palavras com que possamos sobrelevar o trabalho do nosso corpo docente.

Todos os nossos professores, sem exceção, estiveram sempre a postos prontos a trabalhar pelo engrandecimento da terra e formação da juventude.

Convém salientar: os nossos professores aqui estiveram sem vizar lucros, sem interesses próprios. Sei perfeitamente, que se não lhes pudéssemos dar nada, nada reclamariam; mas graças à boa vontade dos sócios da CNEG, nos foi possível durante o ano de 1957, gratificarmos o nosso professorado à razão de Cr$ 50.00 (Cinquenta Cruzeiros) por aula. Justamente o que determina a Diretoria do Ensino Secundário para os estabelecimentos de ensino das capitais.

Convem dizer que o Ginásio de Macau é o único, no interior do Estado do Rio Grande do Norte que assim pagou ao seu professorado.

Não sabemos se poderemos atender às mesmas normas durante o ano de 1958. Para tanto, precisamos contar com a ajuda dos senhores sócios.

Sabemos, perfeitamente, que não foi uma mirrada contribuição monetária que pagou o esforço dos professores. Somos testemunhas do esforço de todos pelo maior aproveitamento dos alunos e progresso de nosso Ginásio. E cada vez mais nos sentimos estimulados quando temos a certeza de contar com a vossa ajuda.

Penso que seria injusto distinguirmos esforços e interesses pelo Ginásio. Todos primaram por corresponder.

Até mesmo o nosso venerando Pároco, alquebrado pelos anos, com esta auréola prateada de cãs que lhe ornam a cabeça mas com a alma sempre jovem a sonhar com a grandeza de sua terra.

Durante o primeiro semestre, Monsenhor Honório foi professor de Latim, e só se afastou quando já sobravam professores de latim. Com que cuidado ele preparava suas aulas!... com que satisfação vencia a distância da casa paroquial para o Ginásio!...

Prezados professores numa justa homenagem que prestamos ao nosso decano, queremos homenagear o nosso corpo docente.

SITUAÇÃO DO NOSSO PROFESSORADO

Por decreto do Exmo. Sr. Dr. José Augusto Varela, quando governador do Estado, foram postas à disposição do Ginásio as professoras Anaíde Dantas e Diair Gomes de Sousa. Muito nos têm ajudado as supraditas professoras; quer na organização e disciplina quer nas atividades sociais. A elas, quase inteiramente confiamos o turno feminino do nosso Ginásio.

Essas duas professoras foram a Recife fazer o Curso de aperfeiçoamento a fim de se habilitarem para o registro definitivo de professor secundário.

O Ginásio concorreu com uma ajuda de Cr$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) o que fará sempre que possível, com o fim de regularizar a situação de seus professores. Além disso acrescentamos de Cr$ 20,00 (vinte cruzeiros) às citadas professoras.

Trabalhos Manuais e Economia Doméstica. Já providenciamos o registro da professora de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Dna. Eunice Galvão Montenegro, uma das grandes devotadas pelo nosso Ginásio.

Este ano teremos regularizado o registro da professora de Desenho, professora Maria Sônia Albuquerque sempre pronta a cooperar conosco.

Concedemos ainda ajuda financeira à professora de Educação Física Gracilde Avelino para um curso de aperfeiçoamento realizado em Natal. Como resultado tivemos a ótima apresentação da Ginástica ritimada na noite de 7 de setembro.

Aos nossos professores Dr. José Olavo, Aldo Abreu, Luís Gomes Barbosa ao Pe. José Luiz, os nossos agradecimentos por este ano de esforços e atividades, e a certeza de contarmos com a colaboração de todos para o futuro.

Ao Pe. Teobaldo que no primeiro semestre estava ao nosso lado, a nossa homenagem de saudade.

Senhoras e senhores.

Há alguém para quem os alunos e a direção desse Ginásio, para quem o povo de Macau deve se voltar. No anonimato, foi o que muito fez pelo nosso Ginásio. Este é o nosso Inspetor Federal, Sr. João Lindolfo Barbosa, que desinteressadamente, e só por espírito de colaboração prestou seus serviços. Nele está a permanência do nosso Ginásio. Pois ele representa a lei.

NOSSOS FUNCIONÁRIOS

O Ginásio não tem funcionários; tem colaboradores.

Secretária — Merece louvar o trabalho ativo e incansável da nossa secretária para por o Ginásio em dia com as exigências da Lei Orgânica do Ensino Secundário.

Esperamos que como macauense que deseja o engrandecimento de sua terra ela continuará nos ajudando nessa tarefa ingente. Reconhecemos que é trabalho cansativo e de maior responsabilidade.

Os auxiliares — Duas senhoras prestam a sua colaboração ao Ginásio de Macau. Uma como auxiliar de secretaria, e outra como zeladora. para elas o nosso agradecimento.

O serviço da portaria, o serviço de classes assim como biblioteca e finanças é exercido por escoteiros. Apenas cumprem o dever. É o maior elogio que lhes posso fazer.

OS QUE MAIS NOS AJUDARAM

Nesta oportunidade, convém salientar o esforço de todos aqueles que durante este ano concorreram para o progresso do ensino em sua terra.

Ao Exmo. Sr. Vice-Governador José Augusto Varela, que quando na função de Governador interino nos concedeu o auxílio de Cr$ 20.000.00 (vinte mil cruzeiros), importância com que pudemos construir o muro do nosso Ginásio. Além disso Sua Excelência pois as duas professoras à disposição do Ginásio.

Senhores: Respondendo aos escribas e fariseus que murmuravam por ele aceitar as homenagens que lhe proviam das multidões, dizia o Divino Mestre: "Se eles se calarem as pedras clamarão".

Clamariam as paredes desse ginásio e tudo quanto nele existe, se negassemos o que somos hoje, graças ao esforço deste grande norteriograndense que na função de secretário da comissão de orçamento na Câmara Federal, tudo tem feito pelo Ginásio de Macau.

Graças ao esforço de Ângelo José Varela, o ano passado o nosso Ginásio foi contemplado com o auxílio do Fundo Nacional de Ensino Médoi de Cr$ 300.000,00 (Trezentos mil cruzeiros).

Para o corrente ano, ainda pelo seu esforço e interesse, uma verba extraordinária de Cr$ 650.000,00 (seissentos e cinquenta mil cruzeiros) uma verba ordinária de Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), além do auxílio de Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) perfazendo o total de Cr$ 850.000,00 (oitocentos e cinquenta mil cruzeiros), somente para o nosso Ginásio. Sem falar nas outras obras paroquiais. Basta dizer que fomos melhor contemplados no orçamento federal este ano, do que todas as outras obras paroquiais da arquidiocese reunidas.

Temos absoluta certeza que como Secretário das Finanças do Estado, o Dr. Ângelo Varela continuará nos dispensando a sua colaboração.

Ao escoteiro Carlos Alberto de Medeiros o nosso agradecimento. Senhores, pelas mãos de uma criança passaram Cr$ 431.203,00 (Quatrocentos e trinta e um mil e duzentos e três cruzeiros), só do Ginásio de Macau.

A C. N. E. G.

Os alunos e professores do Ginásio, a cidade em peso. o Brasil em fim, devem ser gratos à Campanha Nacional de Educandários Gratuítos. Quer ao Diretório Nacional ,tendo como presidente a primeira dama do País Dona Sara Kubtschek e como Diretor Técnico este grande vulto que é Felipe Gomes Tiago, como ao Diretório Estadual recentemente fundado e que tem como presidente a figura dinâmica de D. Eugênio de Araújo Sales.

Nosso agradecimento especial ao Diretório Municipal, especialmente ao seu vice-presidente o sr. Virgílio Barbosa e Silva e ao tesoureiro Afonso Barros. São eles os nossos colaboradores de tadas as horas.

Senhores sócios da CNEG, que saibais compreender a grande missão que vos foi confiada.

Nós nos sacrificamos pelo bem de vossa terra pela elevação do nome dos vossos filhos. Mas para isso precisamos de vossa ajuda. Que continueis a perceber a grande honra de que fostes revestidos como membros da CNEG. e que saibais cultivar esta semente plantada. Este Ginásio é vosso e de vossos filhos.

Vossa contribuição deve ser sagrada. Negá-la, é negar à própria soberania nacional. É negar a própria personalidade pois existimos para formar personalidades.

Não queirais, de maneira alguma seguir as trlihas dos derrotistas que são cegos porque não querem ver. São lucífugos, fogem da luz.

Sr. Prefeito José Macedo. Ao apagar das luzes do seu mandato, queira ser testemunha de nossa gratidão. Reconhecemos o seu espírito de sacrifício, e sabemos que nos ajudou na medida do possível. Todas as vezes que reclamamos o seu auxílio aqui o tivemos de pronto. V. Excia. possue uma grande honra a qual ninguém lhe poderá tirar. Foi no seu mandato a época em que Macau possuiu um Ginásio e V. Excia. concorreu diretamente para a organização desse Ginásio.

Agradecemos a sua colaboração, e estamos na firme espectativa de que na pessoa do seu sucessor, o Exmo. Sr. Prefeito eleito desta cidade, o Exmo. Sr. Venâncio Zacarias, o Ginásio de Macau terá um dos seus mais assíduos colaboradores. É esta a nossa esperança.

NOSSAS ATIVIDADES

No que concerne às atividades internas e externas foi imenso o campo de trabalho.

Atividades Internas

Reunião de professores	05
Reunião de pais de alunos	03
Reunião com a Diretoria da Campanha	20
Casos disciplinares	03
Comunicações a pais de alunos	03

Atividades Externas

Passeios	02
Festividades	03

OUTRAS ATIVIDADES

Exposição de Trabalhos

Atendendo ao pedido do Diretor Técnico da Campanha, os nossos alunos orientados pela professora Eunice Galvão Montenegro, idealizaram uma marquise de salina que enviamos à exposição de trabalhos do Rio de Janeiro. Foi um dos melhores trabalhos.

Congresso da CNEG

Nosso Ginásio esteve presente ao IX Congresso da CNEG, realizado no Rio de Janeiro. Aproveitamos outros assuntos e evitamos outras despesas para as nossas finanças.

Escola de Comércio Cônego Luis Monte

Fomos os pioneiros do ensino gratuito no Estado, sem alarde nem propagandas. Hoje a Campanha já possue mais dois estabelecimentos de ensino no Estado: um nesta cidade — A Escola de Comércio Cônego Luiz Monte. Outro o Ginásio Augusto Severo em Parnamirim.

Escola de Comércio Cônego Luis Monte

Mais uma vitória para o povo de Macau, o reconhecimento da Escola de Comércio Cônego Luiz Monte.

Muito temos que agradecer ao Sr. Inspetor do Ensino Comercial, Sr. Manoel Leonardo Nogueira. Sua senhoria nos ajudou, e contribuiu eficazmente para o reconhecimento da nossa escola.

Também o professor Maurílio Aires Rocha que voluntariamente aqui esteve para nos ajudar, os nossos agradecimentos.

Agora os que trabalham durante o dia poderão fazer o seu curso básico durante a noite, aperfeiçoando assim o nível dos seus conhecimentos.

O Porque do Nome

Escolhemos este nome, por ser o Cônego Monte um sacerdote que sempre se interessou pela juventude. E, ainda por ter sido ele um exemplo de sabedoria e virtudes. Inteligência de escol, galgou todos os graus do conhecimento, merecendo pelo seu valor o epíteto de gênio.

J E C

O homem não é só corpo. O homem é também uma alma que possue um destino eterno. E uma educação para ser perfeita deve visar o homem no seu conjunto. Uma educação onde faltasse a formação religiosa, seria uma educação falha, diz Henry de Bouchet.

Eis porque o ideal que orientava a formação dos nossos jovens, logo despertou neles o sentido do Apostolado, originando o movimento Jecista ainda em nucleação mas já se realizando em nosso Ginásio.

Um punhado de jovens que ocultamente procuram realizar a tarefa de instalar a vida cristã nas coirmãs, fazê-las despertar para a vida comunitária da Igreja.

A festa da confraternização do Natal já foi um testemunho evidente do que é capaz de realizar uma juventude bem orientada.

Escotismo

Não poderíamos. ao apresentar este relatório deixar de nos referirmos a esse movimento.

Antecedendo ao Ginásio, e mesmo colaborando na sua organização, o movimento escoteiro é hoje uma parcela do nosso Ginásio.

Movimento aprovado como o primeiro dentre as atividades extra-escolares. antecedendo mesmo à pedagogia moderna que nele foi buscar seus princípios, segundo Emanuel Nonier. Vai o escotismo concorrendo para a formação moral e cívica dos alunos. Vai plasmando os caracteres desses jovens para fazê-los os homens de amanhã.

Sempre Alerta para servir. São eles, os escoteiros, os elementos para todas as horas e para todas as eventualidades.

Além do mais, vamos procurando inocular na própria formação dos nossos alunos o método do escotismo, e de maneira tão eficaz que as próprias alunas já reclamam a criação do movimento similar do Bandeirantismo.

Grêmio D. Eugênio Sales

Logo no início do ano letivo de 57 organizou-se o Grêmio Literário D. Eugênio Sales. Este nome foi escolhido pelos próprios alunos, como homenagem àquele que tem sido a alma das novas iniciativas na nossa cidade.

As atividades do Grêmio foram resumidíssimas, mesmo assim, lograram resultados. Os alunos sob a crítica dos colegas, vão se exercitando na arte da oratória.

Jornal

Já como atviidade do Grêmio, surgiu o Jornal Mural, que transformou-se mais tarde, em um jornal mimeografado "O Pioneiro" onde os nossos jovens mostraram as suas aptidões culturais.

"O Pioneiro" foi o jornal procurado por todos; e logo ganhou simpatia da cidade.

Esperamos logo se inicie o ano letivo e nova equipe de alunos leve avante a iniciativa. É nosso desejo adquirir uma máquina impressora. Para tanto precisamos de vossa ajuda.

Nossa Biblioteca

Muito deixa ainda a desejar. Precisamos no entanto, de maior número de estantes e livros mais atualizados.

Já passamos a receber a contribuição do Instituto do Livro que muito veio melhorar a nossa biblioteca.

Situação Econômica

O Ginásio iniciou as suas atividades com um deficit de Cr$ 81.000,00 (oitenta e um mil cruzieros).

Apresentamos agora a receita e despesa de abril de 1957 a março de 1958.

Durante o ano de 1957 a março de 1958, a receita do Ginásio chegou à cifra de Cr$ 431.203,00 (quatrocentos e trinta e um mil duzentos e três cruzeiros) assim discriminados.

Entrada do Centro Social p/Ginásio ...	Cr$	36.803,00
Dinheiro recebido da CNEG	Cr$	52.560,00
Auxílios diversos e festivais	Cr$	11.840,00
Auxílio recebido do Estado	Cr$	20.000,00
Verbas Extraordinárias do F.N.E.M.	Cr$	300.000,00
TOTAL	Cr$	431.203,00

Despesas

Arcamos com grandes despesas este ano e ainda teremos muito que gastar até que o nosso prédio e o nosso equipamento estejam em condições de satisfazer às exigências do ensino.

Eis a tabela de despesas até o presente momento:

Saldo do débito anterior	Cr$	81.408,00
Pago ao Centro Social	Cr$	39.508,00
Trabalhos do Ginásio — Mão de obra, muro, tanque	Cr$	24.577,00
Material de construção	Cr$	20.182,00
Despesas com abastecimento dágua	Cr$	4.276,00
Compra de material didático	Cr$	78.217,70
Despesas de viagens — Transporte	Cr$	18.617,00
Gratificação aos auxiliares	Cr$	13.600,00
Gratificação ao encarregado das finanças	Cr$	3.000,00
Gratificação à Secretária	Cr$	9.000,00
Gratificação aos professores	Cr$	38.650,00
Ajuda de custos ao curso de professores	Cr$	6.000,00
Total	Cr$	557.075,70

Há portanto, um saldo de Cr$ 94.127,50 (noventa e quatro mil cento e vinte e sete cruzeiros e cinquenta centavos), saldo este que é líquido.

Todos os nossos dinheiros são depositados na Cooperativa. Além disso, o nosso livro caixa está à disposição de todos para verificação.

A este saldo líquido deve ser acrescentado o saldo bruto; isto é: o material disponível do Ginásio.

Apresentamos a relação do material disponível com o respectivo valor e total do saldo bruto.

Material de que dispomos no nosso Ginásio, com os seus respectivos valores:

1	Duplicador BANDA	Cr$	20.000,00
75	Carteiras		50.000,00
2	Arquivos de Madeira		2.000,00
5	Mesas de Trabalho		15.000,00
1	Máquina de Escrever		12.000,00
6	Mesinhas		300,00
4	Filtros		2.800,00
2	Estantes Oara Kuvris		10.000,00
1	Cafeteira Elétrica		1.000,00
	Livros Diversos		30.000,00
	Instalação Elétrica		6.000,00
1	Bomba com Acessórios		2.000,00
1	Extintor de Incêndio		1.800,00
	Ferramentas		5.000,00
	Material Didático		25.000,00
	Outros Utensílios		15.000,00
	Total		197.900,00

Saldo Líquido	94.127,50
Saldo Bruto	197.900,00

Eis aí senhoras e senhores os resultados das várias atividades do nosso Ginásio no corrente ano.

Muito teremos que fazer ainda. O de que temos necessidade mais urgente é da sala de ciências. O material já está encomendado. Mas precisamos ainda construir dois salões: um para funcionamento da sala de ciências e outro para a sala de línguas vivas.

Já encomendamos à Livraria Agir e Editora o linguafone e as duas coleções de discos em francês e inglês para facilitar a aprendizagem de línguas entre os nossos alunos.

Faz-se também necessário a construção da quadra de basket.

Há ainda uma necessidade urgente de terminar o aterro do pátio interno, bem como o calçamento da Rua Pe. João Clemente. Esperamos que o novo prefeito ao assumir, olhe para este Ginásio, como algo de primordial na sua administração. Sabemos quanto é difícil se fundar um Ginásio. E quanto de economia decorre para esta cidade com um Ginásio gratuito.

Aqui, além da Educação intelectual, há ainda a formação social tão impregnada em nossos dias. Aqui estão os filhos de salineiros, barcaceiros, conferentes, estivadores, motoristas, comerciantes, funcionários públicos, finalmente de todas as classes sociais irmanados em um único ideal: A grandeza da terra e enobrecimento da Pátria.

Senhoras e senhores, ao encerrar este Relatório cumpre agradecer-vos a vossa confiança. Resta-me elevar ao Criador de todas as coisas o meu sincero agradecimento, por ter sido um humilde instrumento de sua providência.

Uma palavra senhoras e senhores. Aqui estive até agora. Não sei o que virá para o futuro. Mas vos peço, quem quer que seja que venha a dirigir os destinos deste Ginásio deve merecer de vossa parte todo o apoio e acatamento. Porque:... este Ginásio é vosso — É de vossos filhos.

Macau, 25 de fevereiro de 1958

Pe. João Penha Filho
Diretor

Anaíde Dantas
Secretária

Carlos Alberto de Medeiros
Tesoureiro

Todos em Macau conhecem o Dr. Laércio. Advogado moço, recem formado, se fixou em Macau. Logo mostrou seu entusiasmo e seu interesse pelo bem da terra. Foi um grande colaborador de todas as horas. Por isso lhe somos eternamente gratos.

A Festa de Primeira Turma de Concluintes

Chegara o ano de 1960. Desde o início do ano só se falava na festa dos concluintes. Os dias se aproximaram. A cidade se movimentava. Era a primeira turma de concluintes do Ginásio de Macau. A turma estava assim constituída:

Primeira Turma de Concluintes do ano de 1960

Antonio Faustino de Sousa
Carlos Alberto de Medeiros
Carlos Alberto de Melo
Daurita Darci de Paiva
Edna Maria de Melo Macêdo
Ercília Lopes de Souza
Ivan Cavalcante Montenegro
Joaquim dos Santos
José Ribamar Braga
Lauro Roberto Campos de Souza
Magali Santos de Albuquerque
Manuel Xavier Montenegro Neto
Maria da Conceição Mendonça
Maria de Lourdes Dantas
Maria Lourdes de Melo
Maria da Salete Coutinho
Maria Zélia da Silva
Milton Minora de Almeida
Terezinha de Medeiros Bezerra

Alguns tinham ficado no meio do caminho. O Pioneiro saíra com uma edição especial. A turma recebeu o nome de D. Marcolino Dantas. O patrono era Monsenhor Joaquim Honóroi da Silveira. O Paraninfo Dr. Angelo Varela.

A aula da saudade esteve a cargo de Afonso Barros. O orador da turma foi Ilo Martins da Silva.

O Orfeão do Ginásio, formado principalmente da turma da primeira série que era a turma do coração do padre, ensaiava noite e dia.

Foi feita uma adaptação de um minueto de Beethoven, que recebeu o nome de Minueto da Saudade. Muito choro. A turma queria mesmo bem ao Ginásio. Foi uma grande festa. Banquete, baile, o conjunto Sempre Alerta animando tudo.

E agora?... A turma terminara. Quem pudesse iria continuar seus estudos em Natal. E quem não podia?... Era preciso pensar em alguma cousa. A primeira turma do Ginásio Comercial também chegava ao fim. Foi quando, ainda estimulado pelo Dr. Laércio Medeiros e pela exigência dos próprios alunos, alguns, já professores do Ginásio ou trabalhando na adminsitração, como Salete Coutinho que foi meu braço forte, enquanto morou em Macau.

Partimos para a transformação do Ginásio Comercial em Colégio Comercial com o curso Técnico em Contabilidade. Era um outro assombro para os derrotistas. Macau formar contadores?... E elas seriam capazes de aprender a fazer alguma cousa?... E começamos. Hoje nas empresas de Macau quase todos os contabilistas são ex-alunos do Colégio. Basta uma olhada no escritório da Cirne, Henrique Lage, na Prefeitura ou nos Bancos, e nos diversos escritórios existentes na cidade.

AS BANDEIRANTES

Seria injusto, se nesse trabalho não falasse no movimento de Bandeirantismo. Esse era um sonho das meninas, desde que começou o movimento de escotismo. Foi Luizinha, quem teve a primeira iniciativa. E o bom é que ela começou o movimento quando eu ainda me encontrava na Europa. Agora escoteiros e bandeirantes de mãos dadas se integram no serviço da comunidade.

Ah como lembramos os acampamentos de páscoa. As campanhas, as festas do Natal, as atividades missionárias. Escoteiros e Bandeirantes irmanados lando um testemunho de vida cristã. E quantos casamentos surgiram de tudo isso. Dita e Ivanaldo, Vilma e Manolo, Geraldo e Socorro, Milton e Mércia, Carlinhos e Dione, Caxias e Alzenir, Zé Pinheiro e Meiry, Kidinho e Celeste, Dineusa e Edinho, Chagas e Benígna, Masinho e Socorro, e tantos outros. São lares cristãos que são testemunhos de fé e fidelidade.

Tudo quanto nós dissemos dos nossos irmãos escoteiros, queremos também transferir para as nossas irmãs bandeirantes.

COMUNIDADE AGRÍCOLA D. HELDER CÂMARA

O espírito que existia nos escoteiros, era o mesmo espírito que dominava nos alunos do Ginásio. Tudo era igreja. Por isso que os Escoteiros e alunos rivalizavam, muitas vezes em praticar o bem e em dar testemunho de fé cristã. Era de admirar na Semana Santa, Carlos Melo, Ilo, Rômulo e tantos outros de Liber Usualis na mão entoando as antífonas em Canto Chão.

Por isso quando tratamos de aproveitando as rendas da salina criar a Comunidade Agrícola D. Helder Câmara, nas terras do patrimônio de Guamaré, onde viviam inúmeros de nossos irmãos na estrema miséria, os escoteiros e os alunos do Ginásio rivalizavam em ajudar e dar cobertura a tudo. Para lá eles se deslocavam nos finais de semana para estar em contacto com o povo e ajudá-lo a se desenvolver.

Era de admirar os atos ecumênicos pois lá existiam muitos protestantes onde se intercalavam cantos protestantes, orações e hinos católicos. O Pai Nosso recitado de mãos dadas por católicos e protestantes.

Também eram interessantes as festas de confraternização da páscoa e do Natal. Quando as meninas do Ginásio e os escoteiros iam para lá. Havia churrasco, distribuição de brindes e tudo terminava com um forró onde a turma do Ginásio se misturava com o povo simples do campo. Alí tudo era caridade, simplicidade e alegria.

Aquele povo se sentia gente. E uma vez até eles vieram desfilar no dia Sete de Setembro com o Ginásio em Macau.

Aí houve um fato que eu não me canso de repetir.

Havia um cidadão, Seu Luís, que tinha sido escolhido por mim como chefe da comunidade. Era um pai de muitos filhos, e era um homem muito bom. Nós começamos a organizar a comunidade, organizando uma criação de galinhas com uma central confiada a seu Luís com ramificações nas casas dos outros habitantes das terras do patrimônio. Tudo aquilo era tido como sendo deles, para atender nas necessidades. Havia também a entrega de uma vaca a cada morador para fornecer o leite para os filhos. E o restante do gado confiado a seu Luís. Assim também era feito com a terra. Cada um tinha o seu roçado, de acordo com as suas possibilidades. Mas havia o grande campo da comunidade.

Certo dia eu fui informado que seu Luís tinha virado "crente", como eles diziam. Não disse nada. Mas certa vez me encontrei no alpendre de seu Luís e comecei a reclamar: É isso mesmo, seu Luís. Eu vim pra cá, fiz uma força medonha pra lhe promover e promover esse povo. Agora o senhor virou protestante. Sabe o que ele me respondeu?. Padre, o senhor chegava aqui e falava de boi, de vaca, cavalo, feijão, roça, algodão e galinha. O pastor chegou e falou de Jesus Cristo. E eu me converti. Não tive mais o que dizer. Seu Luís tinha razão.

É que às vezes a gente quer criar um caminho mais longo, pensando que dá certo, e deixa para depois a realidade da mensagem. Essa lição de seu Luís, um homem analfabeto, me serviu para o resto da vida.

AS IRMÃS DE MARIA

Foi um momento feliz para a nossa comunidade, a presença das irmãs de Maria. Cheias de entusiasmo pela nova vida da Igreja.

Elas deixaram o seu colégio, um grande colégio de Bruxelas, e vieram para Macau. Irmã Joana, Margareth e a Irmã Pretinha que era do Burundi foram as primeiras. Era uma nova forma de apostolado que se inaugurava. As irmãs nos deram um exemplo de abnegação e espírito de

sacrifício. Aprenderam a amar o povo pobre de Macau, e à juventude. Logo se integraram nos nossos movimentos.

Depois vieram outras irmãs: Mary, Sheila, Dominique. Também um grupo de jovens deixaram os seus e movidos pelo ideal missionário vieram para Macau. Micheline, Tereza, Maria José e Jane. Jane ficou bem presente na vida de Macau. Recordamos com saudades o trabalho das irmãs de Maria. Elas plantaram uma semente que não morrerá jamais. Como prova aí está a raiz fincada na terra na pessoa de Irmã Dominique. Elas foram embora. Mas Dominique ficou aqui. E como o povo trata com carinho a sua sepultura. Margareth, vez por outra aparece. E Jane está sempre presente no reconhecimento de todos os macauenses. Foram os tempos áureos do nosso Colégio. Professores de Louvain, da Sorbone, de Oxiford, da Califórnia etc. Mas elas não eram apenas professoras no Colégio. Elas eram apóstolas e formadoras de novos apóstolos.

UM TESTEMUNHO

Esta carta de um ex-aluno é o testemunho de uma gratidão que merece ser transmitida.

Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1979.

Profundamente emocionado agradeço ao venerando Padre Penha, que com um mavioso toque de amor, despertou em mim o interesse pelas coisas da vida, o entusiasmo e força indômita para vencer as dificuldades, arraigando em mim o amor ao próximo e à causa da ciência do saber.

Hoje, no limiar de uma nova fase, passando a integrar o grupo dos que militam na senda da ciência do direito, vejo a sua figura e seus atos e obras, como um exemplo digno de ser seguido e eternamente respeitado.

Meu voto de louvor a tudo que fez e em especial para o que continua fazendo (mesmo distante) pela juventude macauense que, em instantes épicos tem a motivação e o respeito às boas causas inspiradas em sua vida dignificante que a cada ciclo escolar se consolida e perpetua.

Abraço

(MILSON LUCIANO BEZERRA)

AS DIFICULDADES

Nem tudo são flores no Jardim do Éden. — Há também as serpentes. E serpentes venenosas que destilam o vitríolo da inveja, do ódio e

da intriga. Há gente que por morbidez psíquica e incapacidade moral nada é capaz de construir. E por isso se compraz em destruir. Sorrí e canta loas quando, sem capacidade para nada construir pode destruir alguém. Pobres e míseras mentalidades doentias dos que se orgulham pela sua avidez destruidora.

Não nos foi possível escapar ao ódio desses famigerados cavaleiros apocalípticos da miséria. Muito tivemos que sofrer. Mas tivemos sempre o consolo do conforto da juventude e o apoio dos trabalhadores e de todos os homens de boa vontade que vivem em Macau. Esse apoio não nos tem faltado até o dia de hoje. Por isso só temos uma resposta: — Perdão.

Quando o ensino secundário sofreu uma reforma no País, com a introdução da Lei 5692, passando para o controle do Estado, nós que estávamos sob fiscalização Federal, ficamos sem saber a quem procurar. Íamos à Secretaria de Educação e ninguém sabia informar nada. De acordo com o próprio Inspetor Federal, resolvemos aguardar que as cousas se reestruturassem, e continuamos o nosso trabalho.

Um dia, recebemos a visita de um Inspetor da Secretaria de Educação.

Ele veio fazer uma visita ao nosso colégio. Teceu muitos elogios e deu algumas orientações.

Algum tempo depois, quando atravessávamos uma crise, até mesmo alguns dos nossos ex-alunos e até professores, não sei por qual motivo se revoltaram contra nós. E numa visita do mesmo Inspetor, que aliás não tinha sido feita para o nosso colégio, houve uma tecedura de maldades arquitetadas, no sentido de nos projudicar. Acusaram o colégio de até ser campo de criação de cavalos. Foi quando eu respondí que talvez já tivessemos criado algum cavalo por lá; mas cavalos de dois pés.

Falaram da incapacidade do corpo docente, e até de não ter sanitários suficientes para atender aos alunos, quando dispunhamos de 12 sanitários, e outras cousas mais. Tivemos que nos defender de acusações junto ao Conselho Estadual de Educação. E agradecemos aos da época, de modo especial ao professor Waldemar Pinheiro e ao Dr. Max Azevedo que havia sido Inspteor Federal a defesa que tomaram do nosso Colégio.

Para uma demonstração, possuimos o borrão de um relatório que foi feito por uma Comissão que foi a Macau, e envenenada por informações maliciosas, sem nos escutar, opinou contra a incampação do Colégio pelo Estado, quando lá funcionava gratuitamente o próprio Grupo Escolar Duque de Caxias. Esse borrão foi jogado no lixo da Secretaria da Educação e alguém o encontrou e fê-lo chegar às minhas mãos. Guardo o original bem arquivado.

Hoje agradecemos mais uma vez a Deus pelo não encampamento. Enquanto nós estivermos suspirando, haverá sempre um esforço no sentido de nos derrotar. E com isto quem ganha é a juventude de Macau. Haja visto o esforço desprendido para criar mais um Curso Pedagógico em Macau quando já existia um que deveria ser aperfeiçoado, e criar um Curso de Auxiliar de Escritório, quando já existia um Curso Técnico de Contabilidade, enquanto outras áreas continuam totalmente esquecidas. Certamente estão esperando que nós criemos um outro curso para criarem outro dnetro da mesma área.

Uma outra questão que deu muito o que falar, foi o caso de três alunas do Curso Pedagógcio reprovadas em Matemática por capricho de um professor que sempre prestigiamos, e que tendo assumido a Vice-Diretoria do Colégio Estadual se revoltou contra nós.

Quando o Inspetor já falado fez sua segunda visita a Macau, alguém se encarregou de fofocar. Então recebemos uma determinação de sua senhoria para fazer as referidas alunas que já eram concluintes voltarem a cursar a primeira série do Curso Pedagógico. Foi então que resolvemos aceitar a briga em defesa de nossas alunas.

COLÉGIO NORMAL

Mas havia também na cidade a carência de professores. Nas escolas primárias do Estado e no município quase não tinham professoras diplomadas. Por isso, atendendo aos reclamos da própria comunidade decidimos partir para a criação do Colégio Normal de Macau. Seria mais uma opção profissionalizante para o segundo ciclo, hoje segundo grau. — A formação de professores primários com um curso pedagógico novas perspectivas se abriram, não apenas para Macau mas para toda a Região.

Já funcionava a Casa do Estudante, mantida pelo Centro Social Pio XI, que reunia estudantes de Pedro Avelino, Afonso Bezerra, Ipanguaçú, Pendências, Guamaré e Galinhos.

Agora o Colégio Normal iria formar professores não apenas para Macau, mas para toda a Região.

Para a criação do Colégio Normal não houve muita dificuldade: O assunto era da competência da Secretaria de Educação e Cultura do Estado e deveria ser resolvido pelo Conselho Estadual de Educação.

O Conselho tinha sido criado, fazia pouco tempo. Foi dada entrada no processo que tomou o número teve como relator o Conselheiro, sendo aprovado pela resolução nº 60/66.

As normalistas começaram a abrilhantar a cidade.

Talvez tenha sido criticado porque não procurei juntar dinheiro. Mas sempre pensei nisso: o dinheiro era do povo. Os trabalhadores e o povo é que tinham conseguido o meio de obtê-lo por isso deveria voltar para o próprio povo. Se era preciso alugar um carro ou um avião para socorrer um pobre doente dentro do mato, se fazia isso Se era preciso pagar a caução de um hospital para o pobre ser tratado como gente, se fazia isso. Nunca se negou remédio a ninguém. Nunca se deixou de atender a nenhum necessitado. Eram eles que trabalhavam. Eram eles que conseguiam o dinheiro. Porque guardar ou acumular sobre pretexto de bom administrador ou economista?... Não deixamos contas para ninguém pagar. Deixamos, sim um grande patrimônio que em parte não existe mais.

A única vez que precisamos da Diocese não fomos atendidos. Por isso tivemos que entregar um caminhão por um débito de Cr$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) e que no outro dia foi vendido por Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). Mas salvamos o nosso crédito.

Todos os empréstimos bancários para investimento na Comunidade Agrícola ou na salina eram feitos em meu nome pessoal. Por isso quando entreguei tudo à Diocese fiquei devendo cerca de Cr$ 250.000.00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) aos bancos. Mas graças a Deus e aos meus amigos paguei tudo.

Fui abruptamente arrancado do meu pastoreio. Motivo: "eu escutei os clamores do meu povo". Nunca fui político. Mas quando o Porto ilha entrou em funcionamento então houve uma onda de desemprego muito grande. A cidade, de uma hora para outra ficou na extrema miséria. O povo confiava em mim. E todos começaram a pedir para que eu fosse falar por eles na Assembléia. Eu não era político. Mas ante a insistência do povo resolvi consultar ao meu Arcebispo. Fui a Natal. Ainda me lembro falei com ele. Ele me disse. "Penha, você é apóstolo onde estiver". Manifestou aprovação ao meu pensamento. Embora disesse que caso me candidatasse eu teria que deixar a paróquia. Mas manifestou aceitação. Ao contrário, o Bispo Auxiliar. quando eu falei, levantou-se e disse: "Penha eu protesto de pé". Mas se eu sentia a aprovação do Arcebispo...

Não sei porque, no entanto as cousas mudaram. Sairam declarações diferentes na imprensa. Aí começou uma onda de injúrias e calúnias contra mim. Não saí candidato. Mas fui abruptamente retirado da paróquia.

Mas o que fazer?... Eu sou igreja, mas a igreja não me pertence. Mas porque sou Igreja posso trabalhar por ela, testemunhá-la em qualquer lugar e quando quiser. É por isso que continuo presente em Macau.

A FESTA DO CENTENÁRIO

Essa foi uma das grandes festas de Macau, ocorrida no ano de 1975 quando era prefeito o senhor José Heliodoro de Oliveira. O Colégio esteve presente em tudo. O hino do centenário composto pelo macauense Fagundes de Menezes com música do Mestre Avelino, foi confiado ao orfeão do Colégio, fazendo relembrar os bons tempos do orfeão. A turma ensaiou muito e cantou bem.

O desfile foi organizado, lembrando os feitos heróicos dos desbravadores da Ilha de Manoel Gonçalves. A grande cruz, último testemunho saído da Ilha, que estava chantada na Igreja Matriz, foi arrancada e desfilou presa na carroceria de um caminhão.

Mas a grande surprêsa foi o desfile simbólico da câmara da época do desmembramento de Macau. Alguém havia levantado a questão que gerou polêmica na imprensa: — Aquela não era a data do centenário da emancipação de Macau. Então procuramos João de Aquino, proprietário do museu José Elviro, uma grande obra que ainda hoje não teve o devido respeito por parte dos órgãos de cultura do Estado ou do município. João me disse: Padre, eu tenho o documento da criação do Município. Tenho o livro de atas da época onde está transcrito o decreto imperial criando o Município de Macau.

João era brigado com o prefeito. Mas apelei para João. Era Macau que estava em jôgo. Por isso João concordou em me entregar o documento para ser lido em frente ao palanque, contanto que depois de lido eu o entregasse imediatamente. Assim foi feito. Quando o caminhão alegórico com a Câmara da época vestida de fraque e cartola chegou em frente ao palanque, todos se levantaram e foi lido o documento criando o Município de Macau. Tudo estava comprovado. Houve muitos aplausos. O Museu José Elviro havia dirimido a dúvida.

Na sessão magna comemorativa realizada à noite, declamamos para os presentes este poema:

CANTO 1º — A MACAU, NO SEU CENTENÁRIO

COLABORAÇÃO DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Sousa Júnior

SURGE ET AMBULA!
Levanta-te, e anda!
Macau.

O sol já despertou.
Já sacode seus raios flamejantes
Lá longe no horizonte.
Eles começam a acariciar
As cabeleiras brancas das salinas.
Já doiram as águas do teu mar da vida.

Velas brancas
Se perdem nas águas,
Quais garças,
Pedras de sal que esvoaçam

Levanta... Pára... Medita...
Vive teu passado, teu presente, teu futuro.

Passado.
Dos heróis de Manoel Gonçalves,
Lusitanos intrépidos
Da Cruz de fé, transportada,
Sinal de redenção.

Teu nome vem de longe...
Dos mandarins, de Confúcio:
— Ama, é Gênio em chinês.
— Amor em português.
— Cau — Porto por natureza.
Te o roubaram.

Mas... Espera,
"Cidade do nome de Deus
Não há
Outra mais-leal"

Sim.
Pois de ti, surgiu o primeiro heroi
Da abolição.
Jangadeiro intrépido
Que levava cativos para a libertação.

Sementeira do Velhinho
De cabelos brancos,
Que nos deixou
Santidade... Amor... Dedicação.

Terra de seresteiros
Prosadores e poetas,
De tertúlias e jornais.
De elites refinadas
E riquezas infinais

Eu te ouço no passado.
No gemido
Do último gigante do aterro,
Restaurado.
Obrigado
Sr. Casado.

Tenho saudade de ti
Luta e vida.
Contradição.
Dinheiro fácil, de mão em mão,
Mas brasileiro de coração.
Sangue que corre do meu irmão

La na Corea,
No Mata Sete,
No Valadão.

Sirene apita.
Menino pronto para servir,
Pra doar sangue para salvar.

O homem é forte.
Sabe falar.
Pode dizer o que sentir.
Luta de livres. Compreensão.
Não há inveja,
Nem traição.

Ninguém se vende.
Quer-se a verdade.
Vias divergem, mas fim se busca.
— É sempre o HOMEM, finalidade.

Depois... Depois...
O medo vence.

Não há coragem.
Fome ameaça.
E o fantasma do desemprego
Quando amanhece forma miragem.

Macau traída e desprezada.
Macau vendida e enjeitada.
Não temos água.
Nos falta o pão.
Nos negam tudo!...
Mas mesmo assim
Eu sou Macau.

Venho dos Shins.
Eu sou teimosa!
Olhem, eu confio na juventude
Sempre ardorosa

Ninguém me mata.
Ninguém me apaga.
Eu venço tudo!...

Oh Esperança! Oh meu porvir!
Sinto pulsar meu coração.
Há sangue novo.
Sangue que é vida,
Que é movimento,
Que é explosão.

Ninguém me prende.
O meu futuro
Está a sorrir
Nos chaminés que antevejo.
No ouro negro que existe em mim.

Oh, vinde todos
Em mim buscar a vida...
Oh vinde em mim encher-vos de esperança.

Abro os meus braços
Acolho todos
E lhes dou vida, fôrça e vigor.

Oh meu Brasil
Sou teu, só teu.
Sou esperança do teu futuro.
Sou o teu novo Porto Seguro.

Unam-se todos, ó filhos meus.
Amem a terra que Deus lhes deu.
Demos as mãos à mocidade.
Numa cadeia, em fraternidade.

FOTO DO DESFILE DO CENTENÁRIO



Desfile alegórico do Centenário vendo-se à frente o Brasão da Cidade de Macau da China que deu origem a nossa Macau e ao fundo a Cruz, última coisa trazida da Ilha de Manoel Gonçalves e que hoje é fundiadouros de Navios

HINO DO CENTENÁRIO DE MACAU

Letra de Fagundes de Menezes
Música de Mestre Avelino

Macau, terra acolhedora,
Ao embalo da brisa do mar.

Macau berço de seresteiros
Tecedores de sonhos ao luar.

Acorrem veleiros de outrora
Ressucitam nossos antepassados
Para festejar com toda emoção
Seu centenário de emancipação

Salinas e sol
Coqueiros luar
O Cruzeiro do Sul a brilhar
Velhos nautas saudosos das ondas
Dos antigos caminhos do mar.
E Macau sempre sob a proteção
Da Santa Virgem da Conceição.

Marchas e Contra-Marchas

UM PASSO À FRENTE

Diz o adágio brasileiro que "Deus escreve certo por linhas tortas".

A minha saída de Macau teve alguma cousa de proveitoso. Nos primeiros meses fiquei apenas morando em Macau, e o povo me dando de comer. Depois, sem desejar, sem procurar fui colocado à frente da Assistência Religiosa da UFRN. Isso me trouxe de qualquer forma, um "status", com a possibilidade de poder reivindicar. E realmente, começamos uma luta da qual muitos participaram. Essa luta foi trazer o Ensino Superior para Macau. Como sempre apareceram, de início, os negativistas. Depois os invejosos. Mas foi mais um fruto surgido do trabalho e do estudo.

"O seu fruto esta gleba já encerra
Do trabalho e do estudo surgiu".

Hoje Macau possue o Centro Regional de Ensino Superior. A placa está lá. Podem até arrancar a placa. O nome incomoda. Mas não arrancarão a gratidão do coração da juventude de Macau.

É essa a história de 25 anos. Não é uma estória mas uma história de lutas, de alegrias e sofrimentos.

O povo de Macau é feliz. Apesar das muitas injustiças que têm sido praticadas contra esse povo, ele aspira a perfeição.

Maior produtor de sal do Brasil, produtor de petróleo, com a fábrica de barrilha prestes a ser inaugurada, com a pespectiva da Indústria das Águas Mães, sendo o maior produtor de camarão do Brasil, Macau se angustia desejando o seu progresso espiritual. Por isso o povo de Macau pensa na sua Diocese. Lembro-me que quando D. Nivaldo Monte era ainda Padre Nivaldo, capelão do Colégio das Neves, e eu já padre, ajudando ainda a sua missa, ele me dizia: vamos criar a Diocese de Macau, e eu vou ser bispo lá. Hoje, arcebispo de Natal, D. Nivaldo por duas vezes entusiasmou-se pela criação da Diocese de Macau.

Mas há padres de importância, que não sei porque procuram atrapalhar a vida da igreja. E até hoje a Diocese não saiu. Fala-se na necessidade de um Palácio Episcopal, na formação de um patrimônio... Não me conformo com nada disso. Jesus Cristo quando quis salvar o mundo teve por palácio uma estribaria.

Se realmente há necessidade de fazer Macau Diocese por uma necessidade pastoral, por que não o fazer?...

A Igreja de hoje não é a igreja dos pobres?...

— Que venha o bispo! Posso jurar que ele não morrerá de fome. Que terá condições de trabalhar com a ajuda do povo se não se comprometer com as multinacionais. Fui padre durante muitos anos em Macau. e fiz muita cousa com os operários sem precisar de projetos mirabolantes para o exterior. Sei que dinheiro tem vindo muito para Macau, e muito, de fora, em nome da Igreja e dos pobres mas nem a igreja nem os pobres conhecem, sequer, a sombra desses dinheiros. Por isso fazemos um apelo ao Sr. Arcebispo em nome dos jovens e dos pobres de Macau: Crie a Diocese e não se arrependerá.

Assim o povo de Macau lhe será sempre reconhecido, e apagará de sua mente qualquer mágoa que por ventura ainda exista.

ÍNDICE

Apresentação 3
1 9 5 6 5
O Incêndio da C.C.N. 7
Os Escoteiros e as Enchentes do Rio Açu 7
Sempre Servir 9
Socorrer os Enfermos 9
Ensino para Todos 11
O Sonho do Monsenhor Honório 12
Monsenhor Honório 13
Três Fatos Interessantes 16
O Caso do Rio Amargoso 17
Outra Casualidade 17
A Presença de D. Eugênio 17
As Primeiras Conversas 18
Um Primeiro Movimento 18
Ata de Fundação do Ginásio Nossa Senhora da Conceição 19
Os Pioneiros 20
Uma Homenagem Justa 20
Os Primeiros Colaboradores 21
Virgílio 21
Alfredo Teixeira 21
Luiz Xavier 22
Saudação a Macau 22
Mulher Perdida 23
Recordação 23
Deus Amor 24
Saudade de Meu Filho 25
Vocação Errada 25
Afonso Barros 26
Padre João Penha Filho 28
José Olavo 30
Ângelo Varela 30
Uma Filosofia 30
A CNEG em Macau 31
A Ajuda da CCN 31
Os Sindicatos 32
Os Operários de Alagamar 32
Primeiro Relatório Apresentado 33
Realização 34
Mais um Passo à Frente 35
A Primeira Turma de Alunos Matriculados no ano de 1957 36
Sua Caminhada 37
Vida Esportiva 38

O Pioneiro 39
E l e 40
A Polônia Imortal 41
Poema da Vassoura 43
Psicologia do Segredo 45
"Onde está o vosso Tesouro, aí também estará o vosso Coração" 48
O Lago da Morte 50
O Meu Intuito 52
Soneto 53
Nacionalismo e outros Mitos 54
Ginásio Formará sua Primeira Turma 55
Canto de Patrulha 55
Maria 58
D. Marcolino Dantas o Criador de Dioceses 59
O Cristo Vivo 61
Saudação 62
O Amigo da Juventude 62
Dom Marcolino — O Literato 63
Dom Marcolino — O Músico 63
Conheco as Minhas Ovelhas 64
Dom Marcolino e a Juventude Feminina 66
Dom Marcolino, o Político 66
Dom Marcolino, o Poeta 67
Um Homem na Fronteira da Santidade 68
Cheias de Luar 69
O Santo das Salinas 70
Ilo Martins 70
Volta 71
Solitário 72
Soneto 72
Tristeza 73
Nossa Senhora dos Navegantes 74
O Perdão de Cristo 74
O Hino do Ginásio 75
A Escola de Comércio Cônego Luiz Monte 76
Dr. Laércio 76
O Primeiro Relatório de Atividades 77
Os Professores 78
Os que Mais nos Ajudaram 80
NOSSAS Atividades 82
Congresso da CNEG 82
Escola de Comércio Cônego Luiz Monte 83
O Porque do Nome 83
J. E. C. 83
Escotismo 84
Grêmio D. Eugênio Sales 84
Jornal 84

Nossa Biblioteca 84
Situação Econômica 85
Primeira Turma de Concluintes de 1960 88
As Bandeirantes 89
Comunidade Agrícola D. Helder Câmara 89
As Irmãs de Maria 90
Um Testemunho 91
As Dificuldades 91
Colégio Normal 93
A Festa do Centenário 97
Canto 1º — A Macau, no seu Centenário 97
Hino do Centenário de Macau 101
Um Passo à Frente 102

NORDESTE GRÁFICA LTDA.
RUA PADRE JOÃO MANOEL,
520 — FONE: 222-1461
NATAL — RN.

E.
P